



Resiliência. Elo e sentido

Editorial

“A resiliência, entendida como a capacidade de superar as situações adversas, é um esforço do ser humano de todos os tempos.” É dessa forma que a psicóloga **Susana Rocca** define o

termo resiliência, tema de capa da *IHU On-Line* dessa semana. “Originariamente”, explica **Michele Poletto**, doutoranda em Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), “o termo resiliência surgiu da Física e refere-se à habilidade de uma substância retornar à sua forma original quando a pressão é removida”.

O tema de capa desta edição é discutido, além dos nomes já citados, por especialistas, como o psiquiatra britânico **Michael Rutter**, um dos pioneiros no estudo da resiliência no mundo, para quem “as pessoas podem ser resilientes com relação a algumas experiências, mas não resilientes em relação a outras”. O psicanalista argentino **Rubén Zukerfeld** defende que “o desenvolvimento resiliente não questiona as teorias freudianas”. Enquanto isso, a professora **Froma Walsh**, da Universidade de Chicago, faz diversos esclarecimentos sobre a resiliência familiar, tema principal de suas pesquisas. A pesquisadora **Joviana Avanci**, da Fundação Oswaldo Cruz, também contribui com o debate e define resiliência como o processo de “encontrar forças para transformar dificuldades em perspectivas de ação”. Para a psicóloga e doutora em Educação **Maria Angela Mattar Yunes**, a resiliência desconstrói crenças pessimistas; e o psicólogo francês **Jacques Lecomte** propõe um modelo de resiliência para crianças e jovens, o qual denomina de triângulo da resiliência. Na proposta, Lecomte sugere que os adultos manifestem um elo e estabeleçam regras, pois considera o elo essencial na reconstrução do indivíduo.

A resiliência foi tema do evento *Resiliência: Um novo paradigma em saúde*, promovido pelo IHU, com a presença do Prof. Dr. Elbio Néstor Suárez Ojeda. Na oportunidade, a *IHU On-Line*, nº 200, de 16-10-2007, publicou uma entrevista com ele sobre o tema. O assunto também foi abordado, especificamente, no **Ciclo Cinema e Saúde Coletiva II - Cuidado e Cuidador**.

O antiutilitarismo é o tema da conferência do Prof. Dr. **Paulo Henrique Novaes Martins de Albuquerque**, da UFPE. A entrevista publicada nesta edição, discutindo a crítica maussiana, segundo Alain Caillé, ao paradigma da economia moderna, é instigante e muito importante, especialmente, para todos e todas que lidam e apostam nas diferentes formas de economia solidária. Por sua vez, a Profa. Dra. **Rosane Kreuzburg Molina**, comentando o filme *O paciente inglês*, reflete sobre as transformações, em sala de aula, da relação cuidado e cuidador.

O poema da semana é de **Ronald Polito**, mineiro de Juiz de Fora, com o título “Na platéia”.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 03 | Rubén Zukerfeld: A Resiliência não se opõe à teoria de Freud

PÁGINA 05 | Michele Poletto: Resiliência: um processo psicológico dinâmico

PÁGINA 08 | Jacques Lecomte: Pilares da superação: elo, sentido e lei simbólica

PÁGINA 11 | Froma Walsh: Os desafios da resiliência familiar

PÁGINA 13 | Maria Angela Mattar Yunes: A resiliência desconstrói crenças pessimistas

PÁGINA 17 | Susana Rocca: “A fé parece ser uma chave no desenvolvimento das capacidades de resiliência”

PÁGINA 22 | Joviana Avanci: Resiliência é encontrar forças para transformar dificuldades em perspectivas de ação

PÁGINA 24 | Michael Rutter: “Todos aceitam o fenômeno da resiliência”

B. Destaques da semana

» Invenção

PÁGINA 26 | Poema de Ronald Polito

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 27 | Destaques On-Line

PÁGINA 30 | Frases da Semana

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 33 | Agenda da Semana

PÁGINA 34 | Rosane Kreuzburg Molina: Professor x estudante: relações de cuidado

PÁGINA 37 | Paulo Henrique Martins: O mercado está contra a lógica antiutilitarista

PÁGINA 42 | Gérson Neves Pinto: Nanovigilância: qual é o limite?

» PERFIL POPULAR

PÁGINA 44 | Adelina Ana de Negri Boff

PÁGINA 47 | Sala de Leitura

» IHU REPORTER

PÁGINA 48 | Lúcia Segala Géa

A resiliência não se opõe à teoria de Freud

ENTREVISTA COM RUBEN ZUKERFELD

“A experiência clínica corrobora que a existência de solidariedade e a construção de redes vinculares podem ser um predecessor de possíveis desenvolvimentos resilientes”, afirma o psicanalista argentino Rubén Zukerfeld, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Ele é membro da Asociación Psicoanalítica Argentina e da International Psychoanalytical Association. Também é professor do Instituto Psicossomático de Buenos Aires e do Instituto Favaloro, supervisor do Departamento de Psicologia Clínica da Universidad de Buenos Aires e do Departamento de Transtornos Alimentares do Hospital Rivadavia, fundador da Asociación Argentina de Obesidad e autor de, entre outros, Procesos terciarios - de la vulnerabilidad a la resiliência (Buenos Aires: Lugar Editorial, 2006).



IHU On-Line - Em que sentido a saúde e a recuperação podem ser consideradas um mistério?

Rubén Zukerfeld - Em um sentido parecido ao que Freud¹ se perguntava pela escolha heterossexual e pela possibilidade de ser feliz devido ao mal-estar na cultura. A idéia é que existem tantos fatores que vão de encontro àquelas condições que constituem ainda um mistério de como podem se produzir. Por outro lado, a história da

¹ Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias, e seu tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 170 da *IHU On-Line*, de 8-05-2006, dedicou-lhe o tema de capam sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, e a edição 207, de 04-12-2006 o tema de capa *Freud e a religião*. A edição 16 dos *Cadernos IHU em formação* tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*. Todos os materiais estão disponíveis para download no site do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

medicina, e também a da psicanálise, tem sido tradicionalmente a de investigar por que se adocece e, portanto, há enigmas importantes sobre por que não se adocece e o que é realmente o que cura ou ajuda a recuperar a saúde.

IHU On-Line - Como ocorre a passagem da vulnerabilidade para a resiliência?

Rubén Zukerfeld - Basicamente através da eficácia terapêutica dos vínculos significativos em sua função de apoio e de oferecimento de modelos de identificação. Estes vínculos podem se dar em contextos terapêuticos formais ou em âmbitos informais e aleatórios. A experiência clínica corrobora que a existência de solidariedade e a construção de redes vinculares pode ser um predecessor de possíveis desenvolvimentos resilientes.

IHU On-Line - Quais são os principais potenciais e capacidades para se desenvolver e alcançar níveis aceitáveis de saúde e bem-estar, apesar das adversidades sofridas por uma pessoa, uma família, uma comunidade?

Rubén Zukerfeld - Resumidamente, seriam a capacidade de ter projetos, de poder expressar os afetos, de bom humor, de buscar ajuda e de autocontrole. Diversos autores têm enfatizado a melhora da auto-estima, o desenvolvimento do pensamento crítico e a criatividade.

IHU On-Line - A resiliência pode ser considerada como uma característica da saúde mental?

Rubén Zukerfeld - Sim. Mas pode acontecer - e é habitual - que se conquiste saúde mental sem que exista um desenvolvimento resiliente. Uma pessoa que sofreu uma depressão e se curou recuperou a saúde mental sem que isso implique em resiliência. Mas quando se pode determinar que houve um desenvolvimento resiliente, ou seja, um processo de transformação subjetiva, se considera que se obteve saúde mental.

IHU On-Line - Na sociedade atual, temos mais ou menos resilientes? As pessoas são mais resilientes com as adversidades hoje?

Rubén Zukerfeld - É difícil responder rigorosamente a esta pergunta. A única coisa que posso afirmar é que hoje em dia contamos com o conceito “resiliência”, o que permite pensar a adversidade de outro modo e isso influi em qualquer recurso terapêutico que se ponha em jogo, o que não existia em outra época. Mas não se pode comparar “antes” com a atualidade.

IHU On-Line - Quais são as características que deve ter o tutor de resiliência? Como diferenciar suas atitudes de atitudes paternalistas? Como não cair em paternalismo?

Rubén Zukerfeld - O tutor (no sentido dado por Boris Cyrulnik²) é alguém ou algo (por exemplo, uma obra de

² Boris Cyrulnik: médico, etólogo, neurologista e psiquiatra francês. Junto com Edgar Morin, escreveu *Diálogo sobre a natureza humana* (Lisboa: Instituto Piaget, 2004). (Nota da *IHU On-Line*)

arte) em que o danificado pela adversidade se apóia (do mesmo modo que literalmente o faz uma planta débil até que se fortaleça). Um tutor não é um padrinho e ele pode ser, por exemplo, um filho do danificado. O paternalismo é um desvio possível, mas não corresponde ao conceito em si.

IHU On-Line - Como o senhor percebe a atuação dos profissionais de psicologia acerca do tema da resiliência?

Rubén Zukerfeld - De três modos distintos: a) um setor que estende excessivamente a terminologia e inclusive a confunde com talentos especiais; b) um setor que o rejeita de modo geral, sem entender bem de que se trata, e o confunde com procedimentos de dominação social; e c) um setor que o investiga com diferentes perspectivas e o põe à prova no contexto da produção clínica e teórica atual. O primeiro setor tende a somar-se sem pensamento crítico a uma espécie de moda e o segundo setor está dominado por distintos prejuízos causadores de obstáculos.

IHU On-Line - A teoria freudiana, que estuda as conseqüências das situações traumáticas, não seria contrária à resiliência, que estuda os efeitos “positivos” de uma situação dramática, de sofrimento? Em que sentido o senhor, como psicanalista, a partir do paradigma da resiliência, percebe essa questão?

Rubén Zukerfeld - As teorias freudianas e seus derivados pós-freudianos têm posto em evidência a eficácia patogênica dos eventos traumáticos. O “paradigma da resiliência” não presume efeitos “positivos” dos mesmos, mas questiona o determinismo lineal que supõe que todo evento destrutivo é traumático e gerará inexoravelmente patologia. Em nossas publicações, o que afirmamos é que, em todo caso, certas condições adversas, quando não existe apoio vincular, geram uma condição de funcionamento

psíquico, que consideramos “vulnerável”. Mas vulnerabilidade não é enfermidade e é essa vulnerabilidade o que ocasiona, em determinadas circunstâncias, resiliência, como falamos na pergunta dois. Ninguém duvida do sofrimento nem ninguém duvida da ferida, mas a questão é que esta não se converta em menos-valia. Daí que o desenvolvimento resiliente não questiona as teorias freudianas, mas problematiza certo

determinismo ingênuo que, às vezes, existe em alguns âmbitos psicanalíticos e psiquiátricos.

Resiliência: um processo psicológico dinâmico

ENTREVISTA COM MICHELE POLETTO

A psicóloga Michele Poletto acredita que a resiliência é uma característica comum do ser humano. Em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, ela afirma que, “ao longo da história, o ser humano lidou com adversidades e suas trajetórias de enfrentamento, superação e adaptação. As milhões de adversidades vividas ao longo dos anos é uma prova da força e da superação do ser humano”. Poletto possui graduação em Psicologia, pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e mestrado em Psicologia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com a dissertação intitulada “Contextos Ecológicos de Promoção de Resiliência para Jovens em Situação de Risco”. Atualmente, é doutoranda em Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e psicoterapeuta em formação no Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEP-PA). Tem experiência na área de Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: resiliência, psicologia positiva, populações em situação de risco, fatores de risco e fatores de proteção, protagonismo juvenil, trabalho infanto-juvenil, relações de trabalho, segurança e qualidade de vida no trabalho.



IHU On-Line - Qual é a principal característica do processo de resiliência em crianças e adolescentes, principalmente naqueles que vivem em situação de vulnerabilidade?

Michele Poletto - A resiliência implica no enfrentamento de uma situação de risco, é um processo psicológico dinâmico. Ela é entendida a partir da interação dinâmica existente entre as características

individuais e a complexidade do contexto social. O processo de resiliência opera na presença de risco para produzir conseqüências que auxiliam os indivíduos a enfrentarem e superarem problemas e adversidades na vida. A principal característica do processo de resiliência, tanto de crianças e adolescentes como de qualquer pessoa em situação de vulnerabilidade, é o engajamento em uma situação de risco, seu

enfrentamento, superação e adaptação diante de algo adverso.

IHU On-Line - O que dizer de crianças que têm a responsabilidade de cuidar de crianças menores? Como elas vivem e constroem a resiliência?

Michele Poletto - O período da infância é voltado para o aprendizado, para a brincadeira, para as experiências novas, mas precisa da supervisão de um adulto que possa exercer a função de continência, proteção, orientação e cuidado. No entanto, muitas famílias, por suas dificuldades econômicas severas e pela falta de políticas públicas adequadas e protetivas aos que necessitam, precisam do auxílio dos filhos maiores para o cuidado dos irmãos. Certamente, é uma responsabilidade que faz com que a criança cuidadora fique sobrecarregada e talvez tenha prejuízos no seu desenvolvimento. Mas não se pode condenar a vida dessa criança, pois se ela tiver recursos internos (competência social, apego seguro, auto-eficácia etc.), uma rede de apoio social e afetiva (amigos próximos, parentes afetivos, por exemplo) e coesão ecológica (relacionamentos afetivos positivos e saudáveis), ela possivelmente poderá dar conta dessa situação e enfrentá-la sem maiores prejuízos ao seu desenvolvimento. Evidentemente, ela amadurecerá mais cedo como também, antecipadamente a outras crianças, terá clareza da realidade que está ao seu redor.

IHU On-Line - Como se dá o processo de resiliência em uma criança que sofreu o trauma da morte de uma pessoa querida, como pai e mãe, por exemplo?

Michele Poletto - Perdas tão significativas sempre deixam marcas, mas vai depender de como a criança percebe o momento de adversidade. Evidente que a morte trará dores, mas se ela tiver pessoas próximas que a acolham, dêem carinho e proteção e que essa criança consiga significar essa perda de um modo menos

traumático, ela poderá superar esse momento e seguir bem no seu desenvolvimento e na sua vida.

IHU On-Line - Crianças que aprendem a ser resilientes tornam-se adultos menos vulneráveis ao estresse da vida cotidiana?

Michele Poletto - Não sei se essa seria a melhor palavra, “aprender” a ser resiliente, mas a dar conta, com seus recursos (pessoais e com relacionamentos seguros e afetivos) das situações adversas de vida. O processo de resiliência não é estático. A pessoa poderá apresentar em alguns momentos processos de resiliência e dar conta dos momentos de vida adversos, mas isso não garante que ela sempre lidará bem com o estresse. Mas evidentemente que uma infância saudável e segura “mune”, de certa forma, o adulto para lidar bem com as experiências difíceis.

IHU On-Line - Em que sentido a resiliência contribui para mostrar a força do ser humano?

Michele Poletto - Os primeiros pesquisadores de resiliência achavam que ela era privilégio de algumas pessoas. No entanto, as pesquisas foram mostrando que ela é uma característica comum do ser humano. Ao longo da história, o ser humano lidou com adversidades e suas trajetórias de enfrentamento, superação e adaptação. As milhões de adversidades vividas ao longo dos anos é uma prova da força e da superação do ser humano.

IHU On-Line - Quais são os maiores desafios e avanços da pesquisa sobre resiliência e psicologia positiva? Em que a área mais evoluiu a partir de sua história, desde seu surgimento?

Michele Poletto - Dentre as áreas que a resiliência e a Psicologia positiva mais evoluiu e propagou suas concepções, posso citar alguns exemplos:

a) Na Psicologia Comunitária - mudança de foco ao estudar as conseqüências da pobreza e da exclusão social

para a resiliência e o entendimento dos fatores de risco e de proteção;

b) Na Psicologia Clínica - processo de desconstrução do modelo médico e aumenta a ênfase na identificação de fatores positivos, forças e qualidade de vida;

c) Na Psicologia Organizacional: norteando trabalhos sobre planejamento de carreira, orientação vocacional, relações interpessoais nas organizações, políticas de recursos humanos: qualidade de vida no trabalho, bem-estar.

Um dos desafios é o esclarecimento quanto ao uso do termo. Deve-se atentar para a banalização e o uso indevido do termo resiliência. Para se falar de resiliência, é preciso haver o enfrentamento de uma situação de risco, na qual mecanismos de proteção (recursos pessoais, relações afetivas seguras e positivas) irão possibilitar a significação, a superação do evento adverso.

A Psicologia Positiva busca o entendimento dos processos e fatores que proporcionam o desenvolvimento psicológico sadio. Além disso, lhe interessa saber quais elementos implicam o fortalecimento e a construção de competências nos indivíduos. A resiliência, por suas características, é um dos conceitos que se enquadra nesse novo olhar da psicologia. Nos próximos anos, como já há reflexos disso, mais estudos terão como foco o desenvolvimento e os aspectos saudáveis do ser humano, investigando todas as potencialidades inerentes a ele: criatividade, fé, alegria, otimismo, esperança, sabedoria, perdão, entre outras.

A resiliência e a Psicologia Positiva mostram ao ser humano, talvez mais especificamente, à comunidade

científica, a necessidade de resgate das potencialidades da natureza humana, não apenas competente para criar e operar máquinas. Além disso, muito se sabe sobre as psicopatologias, e talvez o maior desafio da Psicologia positiva e da resiliência seja servir como um dos suportes para estudos de todos os tipos que busquem compreensões dos processos saudáveis, das potencialidades, das habilidades e da força do ser humano.

IHU On-Line - Pode resgatar as origens do termo "resiliência"?

Michele Poletto - Originariamente, o termo resiliência surgiu da Física e refere-se à habilidade de uma substância retornar à sua forma original quando a pressão é removida: flexibilidade. Invulnerabilidade ou invencibilidade são precursores da definição do termo resiliência na Psicologia. A invulnerabilidade significaria uma resistência absoluta ao estresse, uma característica não sujeita a mudanças. No entanto, com os avanços dos estudos, os pesquisadores constataram que a resiliência não tinha a ver com invencibilidade, mas com a possibilidade de enfrentamento, adaptação e superação. Os primeiros estudos sobre resiliência a compreendiam como sendo um atributo individual: a pessoa teria ou não resiliência. Porém, na seqüência, os pesquisadores foram mostrando que a resiliência não era um fenômeno estático, mas um processo psicológico complexo que envolvia os recursos pessoais, ambientais, relacionais e o engajamento na situação adversa para a sua posterior superação.

Pilares da superação: elo, sentido e lei simbólica

ENTREVISTA COM JACQUES LECOMTE

Jacques Lecomte propõe um modelo de resiliência para crianças e jovens, o qual denomina de triângulo da resiliência. Na proposta, Lecomte sugere que os adultos manifestem um elo e estabeleçam regras, permitindo ao jovem “apoiar-se nisso para criar sentido em sua vida”. Ele defende a idéia de que “não se é resiliente sozinho”, e considera o elo essencial na reconstrução do indivíduo.

*Jacques Lecomte é doutor em Psicologia e docente na Universidade Paris 10. É co-autor, com Stefan Vanistendael, do livro *Le bonheur est toujours possible, construire la résilience* (Bayard: 2000). Também é membro do Comitê científico sobre resiliência.*



Confira a seguir a entrevista, concedida por e-mail, à IHU On-Line.

IHU On-Line - Quais são os fundamentos essenciais do processo de resiliência?

Jacques Lecomte - Para todas as pessoas que sofreram um ou vários traumatismos, dois elementos são essenciais para a reconstrução, que Stefan Vanistendael resumiu com as palavras: o elo e o sentido. O elo como processo interpessoal e o sentido como processo intrapsíquico. Estes dois elementos são fundamentos essenciais, quer se trate de vítimas de maus tratos, quer se trate de pessoas atingidas por uma doença grave ou por um acidente, vítimas de atentados ou de catástrofes naturais etc. Além disso, quando se trata de crianças e de jovens, eu constatei ser necessário um elemento suplementar, que eu qualifico de lei (no sentido simbólico, de balizas, de quadro educativo estrutural).

Eis, em poucas palavras, o que é preciso entender por estes três termos:

O elo: o apoio humano é essencial na reconstrução. Ele pode provir de membros da família (salvo, evidentemente, quando o traumatismo são os maus tratos pelos pais), de amigos, de profissionais etc. O essencial é que essas pessoas manifestem uma atitude

acolhedora, sensível, empática com o indivíduo em sofrimento. Em resumo, “não se é resiliente sozinho”.

O sentido: A busca de sentido é como que sistemática nas pessoas traumatizadas. Elas se esforçam por compreender as causas do que lhes acontece, mas também a maneira de transformar este sofrimento em algo útil, para elas ou para os outros. Por exemplo, muitas vão engajar-se numa associação humanitária sobre o tema que está na origem de seu sofrimento (perda de um filho, doença grave etc.).

A lei simbólica: eu desenvolvi uma pesquisa junto a adultos que tinham sido maltratados em sua infância e que se haviam tornado pais afetuosos com seus próprios filhos. Estes sublinharam a importância do elo e do sentido, mas também das regras de vida, de respeito aos outros etc. A criança e o adolescente em dificuldade necessitam não somente de amor, mas também de um quadro estrutural. Um erro fundamental seria pensar que o fato de tecer elos é incompatível com o de estabelecer regras. Ora, estas duas atitudes são não somente compatíveis, mas, mais ainda, complementares e necessárias.

Eu propus, pois, um modelo simples da resiliência das

crianças e dos jovens: o triângulo da resiliência. Quando um ou mais adultos manifestam simultaneamente um elo e estabelecem regras, isso vai permitir ao jovem apoiar-se nisso para criar sentido em sua vida (o sentido, redobrado, sentido de significação e de direção). A responsabilidade dos adultos é a do elo e da lei, a responsabilidade do jovem é a do sentido. Ninguém pode “fazer” sentido em lugar de qualquer outra pessoa.

IHU On-Line - Qual é o papel dos professores como tutores de resiliência? O que significa ser um “tutor de resiliência”?

Jacques Lecomte - Explico esses papéis nos tópicos abaixo:

Professores

Os professores situam-se particularmente bem para manifestar, ao mesmo tempo, um elo e uma lei junto aos jovens. Muitas histórias de resiliência que me foram contadas começaram precisamente graças a professores. À luz destes testemunhos, o debate sobre a oposição entre ensinar e educar parece sem fundamento. Um professor é tanto mais eficaz em sua função quando ele sabe ultrapassá-la. Este é o caso ante qualquer aluno, mas é ainda mais evidente ante crianças em sofrimento. O professor não pode contentar-se em ser um simples transmissor de conhecimentos, mesmo junto a crianças saídas da população em geral. Ater-se à estrita função de ensinante contém uma mensagem implícita, percebida pelas crianças e pelos adolescentes, a saber, “a disciplina que eu vos ensino é mais importante que vocês mesmos”.

Pesquisadores perguntaram a estudantes o que eles consideravam serem as características de um bom ensinante. Para eles, um bom professor é, ao mesmo tempo, aquele que sabe ensinar bem (explicar clara e pacientemente, saber suscitar o interesse e a motivação) e aquele que manifesta um conjunto de qualidades humanas que se exprimem pela escuta, a gentileza, a

disponibilidade para com os alunos, a compreensão, o humor, a simpatia. Eles apreciam os professores que dão prova de uma exigência bem dosada, mas rejeitam aqueles que dão prova de uma severidade excessiva. Vê-se bem, aqui, a associação do elo e da lei. E, se isso é verdade para estudantes em geral, é ainda mais o caso para crianças traumatizadas.

Tutores de resiliência

No mundo francófono, utiliza-se frequentemente a expressão “tutores de resiliência” para designar as pessoas que desempenham um papel importante na emergência e no desenvolvimento da resiliência do jovem em sofrimento. Esta metáfora dá muito bem conta de duas características frequentemente presentes nessas pessoas: elas constituem uma baliza sólida para a criança, deixando-a desenvolver-se à sua maneira. Mas há diversos graus e diversas maneiras de acompanhar um jovem em sofrimento. Poder-se-ia falar de promotor, de facilitador (cujo impacto é menos forte que o do tutor) ou ainda de catalisador, pessoa que facilita um encontro entre uma criança e um tutor.

A modéstia

O tutor de resiliência procura menos provar para si e provar para os outros que ele desempenha um papel importante, do que permitir ao jovem descobrir os seus próprios recursos. Antes de fazê-lo ele próprio, ele facilita a ação do outro. E, quando ele age, ele o faz geralmente de maneira discreta. O universo da resiliência é, pois, uma grande escola de modéstia: na maior parte do tempo, os tutores de resiliência não sabem que eles o são. Com efeito, há uma grande diferença entre a pessoa que tem o sentimento de ter dado (muito pouco) e o resiliente que tem o sentimento de ter recebido (enormemente). Isso é muito simples de compreender. Uma criança mal amada pode perceber como uma verdadeira iluminação em sua existência o

encontro de uma pessoa calorosa, aberta, atenta. Por certo, o tutor de resiliência tem, em geral, consciência que ele fez bem a tal criança, mas o que ele não sabe é até que ponto ele lhe fez bem. Aí reside toda a diferença entre a percepção de um e a do outro.

A emergência e o desenvolvimento da resiliência não se decretam. Eles se produzem muitas vezes à revelia do próprio tutor. A pessoa que se autoproclamasse “tutor de resiliência” correria grande risco de cometer erros ou até mesmo provocar catástrofes.

IHU On-Line - Como se produz o processo de resiliência em projetos sociais, em casas de acolhida de órfãos, por exemplo?

Jacques Lecomte - Um princípio mais amplo da ação dos trabalhadores sociais é a “boa distância profissional”. A idéia central é que, no decurso da relação entre o profissional e o usuário, devem ser reduzidos e até evacuados os elementos suscetíveis de perturbar o caráter “objetivo” desta relação, em particular os aspectos emocionais e afetivos. É, pois, preciso focalizar-se no caráter técnico da ajuda concedida (conselhos, concessão de uma ajuda financeira, encaminhamento a outro serviço etc.). Isso é considerado vantajoso por diversos motivos: protege o profissional e o usuário de invasões emocionais inoportunas; permite tratar os dossiês de diversas pessoas de um modo que seja sensivelmente reproduzível de uma pessoa a outra. O ideal é que o dossiê de um usuário pudesse ser tratado da mesma forma por toda a assistência social do serviço.

Segundo esta concepção, um bom trabalhador social deve estabelecer uma clara delimitação entre o universo pessoal e o universo profissional. Ora, isso levanta alguns problemas. De uma parte, este tipo de relação é totalmente assimétrico. Esta distinção pessoal/profissional só funciona em sentido único. Mas interroguemo-nos um pouco: gostaríamos que alguém

viesse sistematicamente fuçar em profundidade em nossa vida, por exemplo, num período de crise com nosso “eu” adolescente?

De outra parte, podemos constatar, ao longo deste livro, em que ponto o elo, ou seja, uma relação afetiva estabelecida entre uma pessoa em sofrimento e uma outra ajudava a primeira a se (re)construir. O inverso também é exato: recusar-se a estabelecer elos de pessoa a pessoa limita as ocasiões de fazer emergir a resiliência. Alexandre Jollien, que passou o essencial de sua juventude num estabelecimento para pessoas com handicap, dá testemunho deste sofrimento: “As relações com o pessoal permaneciam superficiais. Jamais chegamos a discutir de indivíduo a indivíduo; só tínhamos direito a palavras de profissional a ‘criança’, de médico a ‘enfermo’. Aquilo com que mais sofri, conclui ele, é com a distância profissional”.

Ater-se ao estrito registro da tecnicidade profissional sem introduzir um elo de humanidade não é suscetível de fazer emergir a resiliência. Por isso, penso ser preciso associar a boa proximidade humana (para facilitar a resiliência do jovem que se acompanha) e a boa distância profissional (para proteger-se enquanto profissional).

É no caso a caso que é preciso discernir onde se situa a boa atitude, o que, evidentemente, é por vezes algo inseguro para o profissional. Mas, por outro lado, também mais enriquecedor. Por vezes se faz sentir a necessidade de manifestar mais afetividade, por vezes mais reserva, e não há nenhuma regra absoluta. É, em todo o caso, nesta zona, em que se é ao mesmo tempo plenamente profissional e plenamente humano, neste espaço da “comum humanidade” (do profissional e da pessoa acompanhada), que pode emergir a resiliência.

Os desafios da resiliência familiar

ENTREVISTA COM FROMA WALSH

“Mais do que simplesmente lidar com a adversidade e se adaptar, a resiliência envolve o crescimento positivo para além do sofrimento e do esforço”, explica a professora Froma Walsh, da School of Social Service Administration e do Departamento de Psiquiatria da Universidade de Chicago. Em entrevista exclusiva concedida por e-mail para a IHU On-Line, ela afirma que os processos-chave para fortalecer a resiliência familiar são a “confiança entre os membros da família, a espiritualidade forte, a sustentação mútua, uma comunicação aberta, e o espírito colaborativo para a solução dos problemas”. Walsh também é co-diretora do Chicago Center for Family Health. Suas áreas de interesse incluem sistemas familiares, resiliência familiar, família e terapia de casais, recuperação de traumas e perdas, e diversidades e mudanças nas famílias contemporâneas. Entre seus livros publicados em português, citamos Morte na família - Sobrevivendo às perdas (Porto Alegre: Artes Médicas, 1998) e Fortalecendo a resiliência familiar (São Paulo: Roca, 2005). Froma Walsh estará no Brasil, em Londrina - PR, nos próximos dias 7 e 8 de novembro, ministrando um workshop sobre resiliência familiar. Confira, a seguir, a entrevista:



IHU On-Line - O que a senhora entende pelo processo de resiliência familiar?

Froma Walsh - Resiliência familiar é ter forças mesmo submetido ao estresse. É ter a habilidade de se recuperar - e crescer, ser mais forte - das crises da vida e de uma prolongada adversidade. Mais do que simplesmente lidar com a adversidade e se adaptar, a resiliência envolve o crescimento positivo para além do sofrimento e do esforço.

IHU On-Line - O que a senhora mais aprende sobre resiliência em suas pesquisas e experiências com as práticas familiares?

Froma Walsh - Não há nenhum “modelo” de resiliência familiar. As famílias têm recursos variados, que devem organizar, para se deparar com diferentes tipos de desafios da vida (uma crise, um trauma, ou uma perda); com as transições destrutivas (por exemplo, uma

migração ou um divórcio), ou com estresses crônicos, tais como uma doença, ou a inabilidade séria, e com condições de pobreza. Nós podemos identificar os processos-chave, tais como a confiança entre os membros da família, a espiritualidade forte, a sustentação mútua, uma comunicação aberta e o espírito colaborativo para a solução dos problemas. Este foi meu trabalho: identificar estes processos-chave, que os terapeutas podem facilitar para fortalecer a resiliência da família.

IHU On-Line - Em que tipo de família o processo de resiliência acontece com mais sucesso?

Froma Walsh - Algumas famílias têm mais vulnerabilidades e fatores de risco do que outras, por exemplo, pobreza e circunstâncias múltiplas de estresse, e não podem alcançar um “ideal” de sucesso. Contudo, a pesquisa aborda minha convicção terapêutica de que

todas as famílias têm a capacidade de aumentar sua resiliência assim que se tornam mais fortes, com mais capacidade de suportar as adversidades e de enfrentar os desafios da vida.

IHU On-Line - Como entender o processo de resiliência familiar em uma sociedade tão centrada no indivíduo e na psicologia tão baseada em patologias e traumas?

Froma Walsh - Isto é importante. Na cultura dominante dos Estados Unidos, há o mito “do indivíduo rude” - que representa que depender de outro implica em fraqueza. As pesquisas recentes sobre resiliência têm focalizado esses traços individuais de firmeza. Então, os pesquisadores descobriram que a resiliência é obtida a partir de relacionamentos fortes - com outros que se importam e acreditam em você, que oferecem suporte e incentivam seus melhores esforços e seu potencial. Eu vejo isso como a linha vital para a resiliência - em toda a rede familiar, na comunidade e nas escolas.

IHU On-Line - Como falar de resiliência familiar em famílias que sofrem constante mutação?

Froma Walsh - Estes desafios requerem o foco terapêutico em chaves estruturais de resiliência: a estabilidade, a confiabilidade, a sustentação mútua e a liderança forte para a conquista, a proteção, e a orientação. A terapia estrutural da família é muito útil nestas situações.

IHU On-Line - Qual é a importância da crença, da fé e da confiança para que a resiliência aconteça?

Froma Walsh - Eu descobri que os sistemas de confiança da família são a mais poderosa influência para a resiliência. As chaves incluem: 1) famílias que se ajudam produzem significado de sua situação adversa e das opções que têm diante de si; 2) ajudando-se, elas superam o desespero para retomar a esperança e a

confiança que ajudam a conquistar seus objetivos com esforço e persistência; e 3) espiritualidade, envolvendo a fé, as práticas espirituais, e uma comunidade de fé em que todos dão como suporte a sua força e oferecem o conforto e a solidariedade em épocas difíceis.

IHU On-Line - A partir de uma perda familiar, como se dá a passagem para o processo da recuperação e depois para o processo de resiliência?

Froma Walsh - A recuperação e a resiliência são, ambos, processos - não resultados - que reforçam mutuamente o tempo perdido. A resiliência é necessária, por exemplo, para que uma jovem mãe tenha força, coragem e resistência de seguir sua vida, de criar as crianças, de ganhar o sustento financeiro, com a perda de seu marido, o pai das crianças.

IHU On-Line - A senhora tem um livro sobre o tema da morte na família e a superação do luto. Qual é a característica da resiliência nesse caso?

Froma Walsh - Os esforços terapêuticos estão entre o luto e a adaptação positiva; a família sofre perdas profundas; os membros podem também ganhar forças e novas habilidades - por exemplo, após o divórcio, um pai que não mora mais com os filhos pode tornar-se mais próximo, mais atencioso e dedicado com as crianças quando passa o seu tempo com elas, visto que, antes do divórcio, ele teve um papel mais tradicional como o arrimo da família, enquanto que a mãe era a protetora, e a casa era preenchida pelo conflito matrimonial. Isto não significa que nós incentivamos o divórcio; significa que, quando nós trabalhamos com uma família em uma situação de divórcio, nós podemos ajudar a pais a fortalecer suas ligações com suas crianças, apesar da perda dolorosa da união e da unidade intacta da família.

A resiliência desconstrói crenças pessimistas

ENTREVISTA COM MARIA ANGELA MATTAR YUNES

O que fazer quando nos deparamos com situações de sofrimento? “É preciso buscar ajuda no ‘outro’, ter sabedoria para valorizar as relações e predispor-se a compartilhar os desafios”, aconselha Maria Angela Mattar Yunes, psicóloga e doutora em Educação. Para ela, manter relações afetivas com outras pessoas é importantíssimo para se tornar resiliente. No entanto, superar adversidades não significa que “o indivíduo saia das crises ileso”, explica. E destaca que resiliência tem “tudo a ver com presenças significativas, com solidariedade, com interações de seres humanos verdadeiramente humanos que formam comunidades saudáveis e acolhedoras”. Essas e outras declarações você confere na entrevista a seguir, concedida por e-mail, à IHU On-Line.



Maria Angela Mattar Yunes é graduada em Psicologia pelo Instituto Unificado Paulista, mestre em Developmental Psychology, pela University of Dundee, e doutora em Psicologia da Educação, pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP). Atualmente, a professora leciona na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e coordena o Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua da FURG (CEP-RUA/FURG) e do Núcleo de Estudos e Atenção às Famílias da FURG (NEAF).

IHU On-Line - Como se dá a resiliência na família, uma vez que a resiliência é íntima e pessoal, mas ao mesmo tempo não se é resiliente sozinho?

Maria Angela Mattar Yunes - Na minha concepção, resiliência não é um fenômeno psicológico meramente individual. As pesquisas mais recentes têm indicado que a resiliência é relativa e que suas bases são tanto constitucionais como ambientais. O “grau” de resistência às situações de estresse não tem quantidade fixa, e sim varia de acordo com as circunstâncias. De acordo com as pesquisas do nosso grupo, resiliência refere-se a um conjunto de processos de vida que possibilitam a superação de adversidades, o que não significa que o indivíduo saia das crises ileso, como sugeria antigamente o termo precursor de resiliência: a *invulnerabilidade*. Quando se fala de resiliência em família, temos que o

sistema de crenças do grupo familiar diante da situação de crise é que poderá ser o sustentáculo dos outros processos de enfrentamento. Algumas famílias, diante de problemas, organizam-se acreditando que a situação de dificuldade é um desafio administrável. Assim, confrontam apenas o que é possível e aceitam o que não pode ser mudado. Buscam explorar o que aconteceu: Como aconteceu? O que pode ser feito? E, muito importante, toda a família mantém um olhar positivo, otimista, de esperança: “a esperança é para o espírito o mesmo que o oxigênio é para os pulmões” (assim nos diz Froma Walsh, uma pesquisadora americana com quem tive o prazer de trabalhar em Chicago durante o meu doutorado). Concordo com o que você diz, não há resiliência sozinha. Resiliência é um fenômeno relacional, ou seja, as outras pessoas são

importantíssimas quando nos deparamos com situações de sofrimento, mas é preciso buscar ajuda no “outro”, ter sabedoria para valorizar as relações e predispor-se a compartilhar os desafios. Resiliência tem tudo a ver com presenças significativas, com solidariedade, com interações de seres humanos verdadeiramente humanos que formam comunidades saudáveis e acolhedoras. Somente nestes contextos é que se pode pensar em resiliência, do contrário, constatamos o abandono ou descaso individual e social.

IHU On-Line - Que trabalhos são desenvolvidos com as famílias para que elas desenvolvam a capacidade de superar traumas e crises internas?

Maria Angela Mattar Yunes - Nossos trabalhos de pesquisa e intervenção no Núcleo de Estudos e Atenção às Famílias da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, no extremo sul do Rio Grande do Sul, têm sido elaborados para atingir não apenas as famílias, mas também os agentes sociais que têm contato direto com essas famílias. São eles: agentes comunitários de saúde, professores do ensino fundamental e médio, conselheiros tutelares, trabalhadores de programas de atendimento às vítimas de abuso sexual, profissionais do sistema de atendimento jurídico gratuito, entre outros. Não adianta pensar em fortalecer pessoas se não houver uma rede de apoio social instrumentalizada e com recursos para atender as prioridades das populações. Por isso, trabalhamos com programas psicossociais e educacionais de reflexão e reunimos as pessoas interessadas em grupos de diálogos, escuta, orientação, informação etc. Isso vem sendo feito nas escolas, nas instituições de abrigo, nos bairros, no Fórum, no Serviço Sentinela, entre outros. A meu ver, o grande benefício do conceito de resiliência foi, e tem sido, trazer para a Psicologia e, conseqüentemente, para a Educação, a ênfase nos aspectos virtuosos e saudáveis dos seres humanos. A resiliência ajuda a desfocar o grande filão da área psi,

que tradicionalmente são as doenças mentais e psicopatologias. Pesquisar e pensar resiliência transfere o foco para a saúde e para o bem estar subjetivo e coletivo. Deixamos de olhar os desajustes e falhas dos indivíduos e grupos, para acreditar e valorizar as competências (no sentido amplo), as possibilidades e potencialidades intelectuais, afetivas, sociais e culturais. Resiliência é um conceito otimista que ajuda a desconstruir crenças pessimistas sobre populações que vivem situações de risco e de extrema vulnerabilidade social e ambiental. Em geral, estes grupos são pensados a partir de um pensamento socialmente dominante, e sendo assim são muito desacreditados. Pensar estes grupos sob a ótica da resiliência significa reconhecer as estratégias e as habilidades de sobrevivência destas comunidades que merecem ser pensadas a partir de suas reais necessidades.

IHU On-Line - O fator econômico-social tem influência na superação de traumas? Por quê?

Maria Angela Mattar Yunes - Pobreza é um fator de risco reconhecido por pesquisadores nacionais e internacionais. Entretanto, é preciso problematizar essa constatação no cenário brasileiro. Na realidade, pouco se sabe sobre os processos e a dinâmica de funcionamento de famílias pobres, mas alguns estudos brasileiros demonstram que estas famílias mostram-se, muitas vezes, hábeis na tomada de decisões e na superação de grandes desafios, evidenciando uma unidade familiar e um sistema moral bastante fortalecido diante da proporção das circunstâncias desfavoráveis de suas vidas. As condições indignas e a precariedade das contingências econômica e social, que castigam a maioria das famílias brasileiras, podem ser constatadas em qualquer cidade do Brasil, seja capital ou interior. Ou seja, as condições de pobreza, podem realmente afetar de forma adversa o desenvolvimento de crianças, adolescentes e adultos, mas, isso não pode ser considerado regra sem exceção,

pois, muitas vezes, alguns grupos desenvolvem processos e mecanismos que garantem sua sobrevivência física e cultural com muita competência. Assim, muitos grupos familiares que vivem situações de risco cumprem seu papel de proteção e cuidado de si mesmo e de seus filhos e não são inevitavelmente “disfuncionais”.

***IHU On-Line* - Por que a senhora diz que é necessário ter cautela ao tratar de resiliência em famílias pobres? Como esses três temas: pobreza, família e resiliência se relacionam?**

Maria Angela Mattar Yunes - É preciso ter cautela com o uso adjetivado do fenômeno da resiliência. Temo que resiliência venha a ser mais um rótulo classificatório gerado pelos estudos da Psicologia e que com isso provoque instrumentos de medidas de resiliência. Se admitirmos que há pessoas resilientes, ou “mais resilientes”, de alguma maneira estaremos sugerindo que há também pessoas não-resilientes ou “pouco resilientes”. Será que isso é pertinente? Será que nós, psicólogos, devemos colaborar com mais essa categorização quantificada de fenômenos humanos inquantificáveis? Já temos os inteligentes, os agressivos, os sociáveis etc. Muitos autores já se posicionaram de maneira crítica sobre o uso adjetivado da resiliência. Na minha tese de doutorado, realizada sob orientação da Dra. Heloisa Szymanski, da PUC-SP, e defendida em 2001, nós construímos um discurso contrário a esta “coisificação” da resiliência. Sou adepta de uma visão de resiliência como fenômeno humano que se refere a sistemas e processos de “adaptação” das pessoas em situações de crises. Não me refiro à adaptação no sentido conformista, mas no sentido de movimento, de busca de bem-estar e de melhor qualidade de vida. Quem de nós não vive dificuldades e crises? Quem de nós não procura solucionar os problemas da melhor maneira possível, possível na ótica de cada pessoa. Estes processos de resiliência fazem parte da nossa condição humana e

estão presentes ao longo do ciclo de vida, do desenvolvimento de todos nós, seres humanos. Tais sistemas e processos possibilitam que indivíduos, grupos e comunidades enfrentem dificuldades sem apresentar sofrimento psíquico no sentido psicopatológico. Estas reflexões que apresento sucintamente não são apenas minhas elaborações pessoais, mas são resultantes de estudos de outros pesquisadores brasileiros e também de pensadores, canadenses, americanos e europeus.

***IHU On-Line* - A senhora afirma que a resiliência deve ser estudada com base em processos-chaves sobre três domínios compreendidos na perspectiva bioecológica de desenvolvimento humano. Como se dá esse estudo? Que diferenças ele apresenta?**

Maria Angela Mattar Yunes - A diferença entre estudar resiliência enquanto conjunto de processos e na ótica da abordagem bioecológica é fundamentalmente conceitual e epistemológica e nos conduz a escolhas metodológicas de cunho qualitativo. Muitas destas pesquisas qualitativas, com diferentes composições de estratégias e procedimentos, têm sido realizadas por diferentes grupos aqui no Rio Grande do Sul e em outros estados. Estes processos não devem ser considerados pressupostos para uma definição “engessada” de resiliência, pois o fenômeno pode apresentar-se de diferentes formas e possibilidades em cada contexto. Atualmente, há uma constante tentativa dos pensadores para colaborar teórica e metodologicamente e esclarecer algumas das inúmeras controvérsias que norteiam este fascinante construto.

***IHU On-Line* - Quais são as principais ações, atualmente, que fazem com que as famílias se desestruturam?**

Maria Angela Mattar Yunes - Não aplico e não concordo com o termo “família desestruturada”. Essa é uma desconstrução terminológica pela qual nosso grupo

de pesquisa vem lutando durante os projetos de intervenção junto aos profissionais sociais. O que seria uma família que se desestrutura: uma família que se separa? Ou uma família que não compõe o modelo nuclear burguês formado por pai, mãe, filhos? É importante relevar que toda e qualquer família tem uma estrutura (que pode não corresponder ao modelo nuclear, mas que pode funcionar efetivamente e garantir o desenvolvimento de seus membros, e é isso que importa!) e tem uma organização, por mais caótica que pareça aos nossos olhos. É preciso pensar que julgamos as famílias a partir do nosso olhar, das nossas crenças e com isso, muitas vezes, ficamos impedidos de ver as reais condições de grupos sociais que vivem realidades diferentes das nossas. Por isso, não acho que as famílias se desestruturam. As famílias contemporâneas são dinâmicas em todas as classes sociais e se movimentam, mudam de “cara” com muita velocidade (como todas as instituições sociais deste nosso tempo histórico). Portanto, as famílias se reestruturam e se reconstituem e não se desestruturam.

IHU On-Line - O filme *Tropa de elite* apresenta jovens ligados ao tráfico de drogas, sem esperança e com o objetivo de viver intensamente. Como a senhora percebe o sentimento dessas crianças e jovens, em relação ao futuro? Eles estão, em boa medida, desiludidos?

Maria Angela Mattar Yunes - Não assisti o filme *Tropa de elite*³, mas é fato que convivemos com diferentes situações de ameaças sociais, independente de lugar e classe social. Penso que nossos governantes ainda têm muito trabalho a fazer para buscar soluções para a questão da segurança pública, do tráfico de drogas e do

³ Sobre o filme *Tropa de elite*, de José Padilha, confira o artigo *O Bope em ritmo de rock*, de André Dick, publicado na edição 240 da revista *IHU On-Line* intitulada *Projeto de Ética Mundial. Um debate*, de 22-10-2007. (Nota da *IHU On-Line*).

desmonte destes grandes esquemas que imperam nas “favelas de ouro” e nas favelas e vilas de verdade das grandes e pequenas cidades do Brasil. Sem dúvida nenhuma, todos estes aspectos corroboram para compor ambientes socialmente poluídos ou socialmente tóxicos ao desenvolvimento de crianças, adolescentes e famílias. Para “estimular” processos de resiliência, temos que pensar em políticas públicas mais humanas e que minimizem as situações de risco da comunidade. Sabe-se que a maioria da população brasileira está exposta a uma gama de condições de muita adversidade, violência urbana, desemprego, ausência de recursos materiais, de informações, mau funcionamento de serviços públicos de saúde e de educação etc. Tais condições de vida são ainda piores quando se trata de populações de baixa renda. É preciso maximizar formas de proteção, ou seja, oportunizar vivências em ambientes socialmente saudáveis e protetores. Ambientes socialmente saudáveis são, por exemplo, as boas escolas, lideradas por bons diretores, professores, cuidadores. Estas escolas se fazem não pela beleza do prédio, pelo número de salas e de computadores, mas pela qualidade das relações entre as pessoas, pelo preparo humano e profissional dos trabalhadores sociais, enfim pela atmosfera de mutualidade de pré-ocupação com a felicidade das pessoas.

IHU On-Line - Crianças de rua se tornam adultos resilientes?

Maria Angela Mattar Yunes - Não é possível responder esta tua questão linearmente com um SIM ou NÃO. Eu diria que depende da pessoa, do contexto social, histórico, cultural, dos sistemas de influência no desenvolvimento da criança, dos adultos significativos com os quais ela conviveu, da eficiência da rede de apoio social, enfim, são muitas variáveis. Deve-se partir do princípio que resiliência não é apenas uma habilidade inata para superar adversidades, mas refere-se aos

processos que resultam da dinâmica interação entre a pessoa e os seus ambientes. O que vai explicar por que as pessoas enfrentam as mesmas situações de dificuldade através de diferentes maneiras é a interação entre as suas características pessoais e os sentidos que cada uma atribui às suas oportunidades e às experiências vividas nos seus ambientes de influência. Não se trata apenas de aspectos individuais, compreende? Muitas vezes as pessoas são fortes, perseverantes, esperançosas, mas se defrontam com situações de obstáculos “quase” intransponíveis. Basta pensar nas famílias que perderam

seus entes queridos no último acidente aéreo em 17 de julho. Qual é o grau de apoio social, governamental, que elas estão recebendo? Como podemos nos preparar ou “estar treinados” para enfrentar tamanha tragédia. Ainda temos muito que estudar sobre resiliência e aprendemos muito com as pessoas que passam por tais sofrimentos.

“A fé parece ser uma chave no desenvolvimento das capacidades de resiliência”

ENTREVISTA COM SUSANA ROCCA

Susana María Rocca Larrosa possui graduação em Psicologia, pela Universidad Católica del Uruguay, e Especialização em Aconselhamento e Psicologia Pastoral, pela Escola Superior de Teologia. Cursa Mestrado em Teologia Prática na EST. Dedicou-se ao trabalho pastoral há mais de 25 anos no Uruguai, na Argentina e no Brasil. É coordenadora dos Serviços de Atendimento Espiritual presencial e on-line e responsável pelos Encontros de Ética, no Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Tendo aprofundado o tema da resiliência, nos últimos anos participa e coordena eventos, assim como também assessora grupos interessados no assunto, em âmbito regional. O tema de estudo e da pesquisa do mestrado é “Espiritualidade e resiliência em juventude: a influência da religiosidade no desenvolvimento da resiliência”. Junto a Lothar Hoch, é organizadora do livro Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado (São Leopoldo: Sinodal, 2007). Na entrevista que segue, concedida por e-mail à IHU On-Line, ela fala sobre a contribuição da espiritualidade para o processo de resiliência. Susana María Rocca Larrosa participou da IHU On-Line nº 234, em 03-10-2007, intitulada José Bonifácio de Andrada e Silva e o movimento pela Independência do Brasil, com a entrevista “Resiliência e cuidado”, disponível no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).



Confira:

IHU On-Line - Qual é a principal mudança de paradigma sugerida pela resiliência, do ponto de vista da Psicologia? O que muda em relação ao olhar freudiano da psicanálise?

Susana Rocca - A resiliência, entendida como a capacidade de superar as situações adversas, é um esforço do ser humano de todos os tempos. As contribuições de Freud e a psicanálise, especialmente os estudos do inconsciente e do desenvolvimento psicosssexual, ajudaram a pesquisar a vulnerabilidade do ser humano, os efeitos negativos e as repercussões traumáticas após certos fatores adversos ou situações críticas, abrindo espaço a análise das possibilidades ou não terapêuticas. Nas últimas décadas, porém, alguns pesquisadores observaram indivíduos e grupos que, sendo expostos a situações traumáticas, pessoais, familiares e sociais, conseguiam desenvolver-se bem e continuar crescendo, apesar desses acontecimentos adversos. Até observou-se que algumas crianças, adolescentes e adultos, não só são capazes de continuar projetando-se no futuro, mas também de aprender e sair fortalecidos com as adversidades ou situações traumáticas. O paradigma da resiliência, sem desconhecer a relevância dos estudos anteriores, propõe uma mudança de ótica, centrando a observação nas capacidades, dos indivíduos e grupos, de resistir e refazer-se após experiências de grandes sofrimentos. Em lugar de focar a observação nas fraquezas, sintomas, doenças, carências, tenta-se descobrir quais são os chamados “fatores de proteção” e os “pilares de resiliência”, isto é, as forças positivas do ambiente circundante e as capacidades pessoais para reagir e superar as adversidades da vida, a fim de fomentá-las e promovê-las.

IHU On-Line - Qual é o papel da crença num ser superior para a superação de situações difíceis? Em

que sentido as religiões e a fé influenciam no processo de resiliência e nessa “quebra” da lógica do trauma?

Susana Rocca - As religiões sempre tentaram dar uma resposta, uma interpretação, e uma ajuda para a transsignificação dos limites, um sentido para poder lidar e superar as situações adversas: escassez, catástrofes, carências, as forças ambientais ou as ações violentas, negativas, ou de sofrimento que atingem desde fora, assim como sofrimentos interiores. Respondem a duas perguntas que acompanham o contato com o mal e o sofrimento: o porquê e o para quê. Isto é: o que aconteceu, qual é a origem ou o motivo do mal, assim como a pergunta pelo sentido e por como (re) fazer-se, como (re) construir-se após essa situação adversa e traumática. Diante do sentimento de desvalimento, de desproteção e de necessidade de ajuda que o ser humano tem diante do sofrimento, a crença num ser superior, ou em vários, constitui uma força de sustento, recuperação e de proteção, atinge a solidão interior de quem padece a dor, motivando um vínculo com um Outro transcendente com quem se pode contar e se sentir seguro; propicia uma compreensão ou interpretação do que está acontecendo, favorecendo a busca de sentido em vistas a superação da situação traumática e do sofrimento. É por isso que tantas vezes até pessoas que não se consideram religiosas, em momentos de crise, doença, ou problemas graves, procuram e encontram, na fé e na religião, consolo, conforto, apoio, e até força e sentido para seguir adiante. Constata-se que, para muitos, a crença num ser superior, o fato de poder contar com sua presença e ajuda, é um pilar fundamental para a superação, especialmente diante das situações difíceis, violência, acidente, luto, ou doença terminal, entre outras.

IHU On-Line - Quais são os principais fatores de proteção e os principais pilares de resiliência do jovem

latino-americano?

Susana Rocca - Em primeiro lugar, se destaca o papel de uma ou mais figuras significativas que garantem uma acolhida e aceitação incondicional. Este fator de proteção é válido para toda idade e cultura. Ter pessoas de confiança com quem pode contar, ter um entorno favorável, assim como uma rede de apoio à qual recorrer, são fatores que propiciam proteção (família, instituição educativa, organizações sociais, políticas ou religiosas). Olhando para a América Latina, para promover a resiliência, faltam ainda políticas públicas suficientes que contemplem as necessidades da juventude, começando pelas necessidades físicas básicas. Dentre as aptidões ou qualidades pessoais que podem ser consideradas pilares de resiliência, podemos citar: a necessidade de ter uma boa auto-estima; a capacidade de sociabilidade e estabelecimento de vínculos; assumir responsabilidades suficientemente claras, elevadas e compatíveis com a situação desse ou desses jovens; o protagonismo, a iniciativa e a criatividade para resolver situações adversas; o senso de humor, e a importância fundamental do sentido da vida vinculado à elaboração de um projeto de vida, ou a vida espiritual ou religiosa. Se pensarmos nos pilares de resiliência comunitária ou social, isto é, nas capacidades que uma comunidade, uma cidade ou um povo tem de se recompor após um desastre ou calamidade deveríamos citar a solidariedade comunitária; a honestidade estatal ou administrativa; a identidade cultural; o humor social; e a auto-estima coletiva.

IHU On-Line - A vida em comunidade, no caso de pertencimento religioso, contribui para o processo da resiliência?

Susana Rocca - A fé, vivida como confiança em um Deus presente e força que ajuda a superar o sofrimento, parece ser uma chave no desenvolvimento das capacidades de resiliência. Daí as implicações para o

contexto religioso, lugar privilegiado para acompanhar esse processo de superação das adversidades, desafiando os estudiosos e a comunidade de fé a redimensionar com esta ótica tantos recursos pessoais e comunitários que podem ser oferecidos por meio das celebrações, dos variados serviços e atividades religiosas. Quanto à vida de grupo, basta ver o apoio que oferecem os grupos de pessoas que se reúnem para elaborar e ajudar-se a superar situações traumáticas semelhantes (fazendas de recuperação, grupos de enlutados, portadores de doenças crônicas específicas etc.). No caso da juventude, a formação de grupos (tribos) constitui uma singular força de apoio que favorece os vínculos, o sentimento de pertença e a busca da identidade. O engajamento com outros para superar adversidades e a união para lutar por causas sociais comuns, sob o enfoque da resiliência, podem ser instrumentos propícios para promover também as capacidades próprias de lidar e superar as situações traumáticas.

IHU On-Line - Qual é a crítica que você faria à questão da resiliência?

Susana Rocca - Há diferentes pontos que poderíamos abordar. Mesmo que no Brasil ainda não aconteça, nos países que trabalham há mais anos o tema existe o risco da banalização do conceito de resiliência, virando, na sociedade de consumo, uma categoria-chavão para a publicidade, para garantir uma maior venda de um produto no mercado. Outro enfoque distorcido seria dividir as pessoas e os povos como resilientes e não resilientes, gerando, assim, uma forma de exclusão. Creio que é importante pensar na resiliência como um enfoque científico e transdisciplinar que visa a contribuir na superação das dificuldades pessoais e coletivas que ferem a vida. Mas a promoção da resiliência não supõe uma visão ingênua ou eufórica que nega as sérias problemáticas que causam as feridas da vida dos seres humanos e do ambiente. Há muitas realidades

traumáticas, diante das quais é preciso garantir mudanças pessoais, sociais e estruturais. Não se pretende trabalhar somente para evitar as conseqüências e efeitos negativos. É preciso garantir o trabalho contra as causas que ocasionam esses danos. Penso especialmente nas desigualdades sociais, a injustiça, a corrupção, a miséria, a guerra, as diferentes formas de violência e opressão. Nesse sentido, promover a resiliência é também lutar por políticas públicas que garantam os direitos fundamentais das pessoas: necessidades físicas básicas: segurança, casa, alimentação, saúde, educação, emprego.

IHU On-Line - Considerando o cenário pobre e violento da América Latina, quais são as limitações no plano da ética e da constituição social que envolvem o conceito de resiliência?

Susana Rocca - Pensando no nosso contexto latino-americano, há um desafio que nos preocupa seriamente. Que alternativas têm as crianças e os adolescentes que nascem em contextos mais desprovidos de segurança e sem as necessidades básicas satisfeitas? Como potencializar recursos para favorecer a resiliência diante de tantos e tantos fatores estruturais de miséria, violência e privação? Como favorecer as redes de apoio social? Pois se sabe que a resiliência se potencializa também graças às ajudas de outros e das redes. Tem a ver com os fatores de proteção que se encontram disponíveis no meio social e que ajudam para conseguir para superação. As pessoas não “são” resilientes, já que as capacidades não são ilimitadas nem definitivas. Não existem seres “invulneráveis”, como se chamou no início às crianças que mostravam grande capacidade de superação. A resiliência é um estado que varia conforme a idade do sujeito, conforme o conjunto de fatores de risco padecidos ao longo da sua história. Relaciona-se também às características de personalidade e a também às escolhas livres de cada um. A resiliência se “tece” ao longo da vida e é dinâmica. Por isso, não se “é”

resiliente, mas se “está” resiliente. Alguém pode agir com atitudes resilientes diante de graves situações, porém, pelo “efeito gatilho”, pode ter uma queda significativa na capacidade de superação após um acontecimento de outra índole ou, aparentemente, de menor teor traumático para outras pessoas. Pode afirmar-se que a superação de situações traumáticas faz crescer as capacidades de resiliência. Pode constatar-se que, para algumas pessoas, determinadas adversidades chegam a contribuir no amadurecimento como ser humano, na descoberta de um sentido mais profundo dado às coisas e a vida. Porém, é preciso esclarecer que as adversidades isoladamente não são necessariamente capazes de promover a resiliência. Finalmente, diria que há uma referência clara às questões éticas num sentido duplo, pois, para falar em resiliência, é preciso considerar estratégias de superação que contemplem não só o bem próprio, mas também o bem alheio. Num contexto de pobreza, desemprego, violência, corrupção e pressões, encontram-se jovens que conseguem vencer dificuldades com aparente sucesso. O preço, porém, é compactuar com situações prejudiciais para outros (por exemplo, corrupção, tráfico). Por isso, devem ser pensadas formas de superação que respeitem o próximo e o bem comum.

IHU On-Line - É possível que alguém se torne resiliente sem uma filosofia de vida, sem um sentido maior que norteie sua existência?

Susana Rocca - Na maioria dos estudos e pesquisas sobre o tema, se fala da importância da filosofia de vida, de ter um sentido para viver ou por quem viver. Outros destacam a relevância de ter uma convicção religiosa, um sentido transcendente, uma fé, uma crença espiritual. Mas nem todos os autores abordam e desenvolvem da mesma forma estes aspectos. Alguns, por exemplo, analisam a importância da busca de sentido, contudo não citam ou fazem pouca menção ao

tema religioso. Não conheço nenhum autor que tenha minimizado a importância da busca de um sentido de vida e de um sentido para superar a adversidade. Inclusive, já antes de se desenvolver as pesquisas sobre a importância do sentido como pilar de resiliência, o psicólogo vienês, Viktor E. Frankl⁴ criou uma nova abordagem terapêutica através do que denominou a “logoterapia”, isto é, a cura pela busca de sentido.

IHU On-Line - O que a sua experiência no serviço de atendimento espiritual do IHU lhe ensina sobre a construção da resiliência entre jovens universitários?

Susana Rocca - A maior procura do serviço de atendimento⁵ acontece diante de relacionamentos que acabam, doença ou morte de pessoas queridas, crise de medo, depressão, problemas econômicos, e inquietações existenciais e espirituais. Tanto nos atendimentos presenciais quanto nas consultas on-line e os pedidos de oração, que nos chegam dos mais variados lugares do país, há algo em comum: uma grande necessidade de acolhida e escuta. Num mundo onde prima a correria, os sentimentos de vulnerabilidade têm pouco espaço para serem partilhados. Diria que também é papel das instituições formativas o cuidado integral dos acadêmicos. Nesse sentido, creio que é importante detectar as necessidades e ver, com criatividade, que iniciativas podemos assumir para contribuir no crescimento e cuidado integral das pessoas, promovendo a resiliência tanto pessoal quanto comunitária. Chama-

⁴ Viktor Emil Frankl (1905-1997): médico e psiquiatra austríaco, fundador da escola da Logoterapia, que trabalha o sentido existencial do indivíduo e a dimensão espiritual da existência. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ O Instituto Humanitas Unisinos - IHU dispõe de um serviço de orientação espiritual, que propicia acolhimento e acompanhamento no crescimento integral, humano e espiritual. Para atendimento personalizado, os interessados podem escrever para humanitas@unisinos.br ou ligar para o número (51) 3590 8223. (Nota da *IHU On-Line*)

me bastante atenção a procura e os efeitos dessa nova forma de socialização que são os vínculos on-line, tanto os serviços personalizados quanto as comunidades virtuais. Talvez estejamos frente a novas maneiras de contribuir no “empoderamento” das pessoas e na promoção das suas capacidades resilientes. A experiência e a pesquisa nos irão mostrando até que ponto isso é ou não possível.

Resiliência é encontrar forças para transformar dificuldades em perspectivas de ação

ENTREVISTA COM JOVIANA AVANCI

Pequenas atitudes, como acolher e escutar, ajudam a construir crianças e adolescentes resilientes, disse Joviana Quintes Avanci, psicóloga, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Para ela, além da família, os profissionais da saúde e de educação são os maiores responsáveis por esse processo de auxílio aos jovens. Ela ressalta que a resiliência é uma capacidade “construída desde o nascimento e, se cuidada e bem desenvolvida, oferece proteção às crianças, adolescentes e adultos para lidarem com adversidades da vida”. No entanto, o grande desafio ainda é “mostrar e ajudar” esses jovens a “encontrar forças para transformar dificuldades em perspectivas de ação”, explica.

Joviana Quintes Avanci, pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz, possui graduação em Psicologia, pela Universidade Gama Filho, e mestrado em Saúde da Mulher e da Criança, pela Fundação Oswaldo Cruz. Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Saúde Pública. Atua principalmente nos seguintes temas: adolescente, violência, problema de comportamento. Sobre os temas, ela publicou os livros Labirinto de Espelhos. A formação da auto-estima na infância e adolescência (Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004) e Resiliência. Enfatizando a proteção dos adolescentes (Porto Alegre: Atmed, 2006).

IHU On-Line - Os principais traumas das crianças estão interligados com as relações familiares?

Joviana Avanci - Quando estamos falando de crianças, o universo familiar é o palco onde os eventos podem se tornar mais traumáticos. No entanto, hoje em dia, a criança convive em outros ambientes que podem também acarretar traumas ao seu desenvolvimento, por exemplo, a violência vivida na comunidade onde reside. Portanto, cabe também à família oferecer proteção às crianças que vivenciaram eventos traumáticos fora da rede familiar através de apoio e afeto. Há várias linhas teóricas sobre trauma, mas o mais importante é o aspecto da subjetividade, como cada um pode viver um evento potencialmente estressor; como vive, elabora e pode

superá-lo. E há ainda aqueles eventos não tidos como estressores, mas que podem desencadear muito sofrimento.

IHU On-Line - A resiliência pode ser vista como um processo de proteção e defesa para crianças e adolescentes?

Joviana Avanci - Sim, a resiliência é uma capacidade que é construída desde o nascimento (possivelmente até antes) e, se cuidada e bem desenvolvida, oferece proteção às crianças, adolescentes e adultos para lidarem com adversidades da vida.

***IHU On-Line* - A partir de suas pesquisas, como a senhora percebe a atuação de crianças e adolescentes com situações difíceis e traumáticas da vida? Eles demoram a se tornarem resilientes?**

Joviana Avanci - Todos nós lidamos diariamente com situações difíceis de vida, desde o nascimento. A capacidade de resiliência independe dos eventos difíceis que as pessoas possam ter vivido. No nosso trabalho, identificamos apenas os seguintes eventos relacionados à capacidade de resiliência: a vivência de violência psicológica (humilhações, depreciações, são apenas algumas formas dessa forma de violência), o testemunho de agressão física entre os pais e relação sexual com eles. Esses eventos foram muito mais mencionados entre os jovens menos resilientes. No entanto, a resiliência está muito mais ligada à proteção que cerca a criança e o adolescente. Adolescentes que vivenciam muitas adversidades terão que contar com mais proteção, de ambiente e ligada às características pessoais, para lidarem com as situações difíceis.

***IHU On-Line* - Como ocorre o processo de resiliência na infância e na adolescência? Traumas, perdas ocasionados nessas fases da vida são mais difíceis de serem superados?**

Joviana Avanci - Essa pergunta não é nada simples. A resiliência é uma capacidade construída diariamente, desde a concepção da criança. O mais importante na construção da capacidade de resiliência é como a proteção é dada a uma criança e um adolescente, especialmente nos momentos difíceis, proteção através de afeto, compreensão e no fortalecimento das características pessoais. Quanto à segunda pergunta, há muitas teorias sobre essa questão: uns defendem que os traumas ocorridos na infância causam mais prejuízo, outros já não acreditam nisso. Eu penso que o mais importante é o que aconteceu antes, durante e depois que o trauma aconteceu. É a forma como os adultos ou

cuidadores lidam com os acontecimentos difíceis da vida que podem causar mais ou menos danos às crianças e adolescentes, mais do que os eventos em si.

***IHU On-Line* - De que maneira a resiliência ajuda a combater a violência? Como desenvolver a resiliência na sociedade?**

Joviana Avanci - A resiliência é um instrumento importante porque enfoca o aspecto da saúde do indivíduo, fortalecendo o que cada um tem de positivo. O enfoque é na proteção e não no risco. Essa abordagem pode ser muito útil a programas de prevenção e atendimento à população infanto-juvenil. Além disso, a resiliência pode ser pensada não apenas no aspecto individual, mas também institucional e ao nível da comunidade.

***IHU On-Line* - É possível aplicar o processo de resiliência nos atendimentos cotidianos, em hospitais públicos? De que maneira?**

Joviana Avanci - Claro que sim. Primeiramente, é preciso que o profissional tenha em mente que seu paciente tem um potencial de superação de dificuldades, que pode estar mais ou menos desenvolvido. Isso independe de ser rico ou pobre. É preciso desenraizar representações negativas, principalmente às famílias em situações de maior risco e vulnerabilidade. Além disso, a resiliência pode ser promovida através de apoio, expresso de várias formas, na superação dos problemas.

***IHU On-Line* - O que ainda pode ser realizado nessa área? Em que medida os profissionais da saúde podem ajudar crianças e adolescentes a superar dificuldades?**

Joviana Avanci - Há muito o que fazer e descobrir ainda. Pesquisas sobre resiliência no Brasil ainda são muito incipientes, especialmente sobre a efetividade do estímulo dessa capacidade em programas de prevenção e atendimento. Os profissionais de saúde, e incluso os de

educação, são, juntamente com a família, os maiores responsáveis na construção de resiliência em crianças e adolescentes. Muitas são as estratégias que podem ser utilizadas. Cito apenas a capacidade de acolher e escutar como passo importante na promoção da saúde. O desafio é mostrar e ajudar a criança e o adolescente que viveu uma adversidade a encontrar forças para transformar dificuldades em perspectivas de ação.

IHU On-Line - O que a Saúde Coletiva, constituída nos limites biológicos e sociais, pode fazer para melhorar e

estimular a capacidade e sensibilidade dos profissionais da área a incorporarem a resiliência no sistema de saúde?

Joviana Avanci - A área da saúde tem dado espaço a esse enfoque de promoção da saúde, na ênfase dos aspectos positivos do indivíduo. Mas há muito o que fazer, pois a área da saúde está mais acostumada a lidar com a doença e o risco. (A *IHU On-Line* produziu uma edição especial abordando o tema. A edição 233, de 27-08-2007, intitulada *Saúde Coletiva. Uma proposta integral e transdisciplinar de cuidado*, pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

“Todos aceitam o fenômeno da resiliência”

ENTREVISTA COM MICHAEL RUTTER

Para o psiquiatra britânico Michael Rutter, um dos pioneiros no estudo da resiliência no mundo, “as pessoas podem ser resilientes com relação a algumas experiências, mas não resilientes em relação a outras. Acredito que existam algumas situações que sejam tão profundamente danosas que uma grande maioria dos indivíduos sejam adversamente afetados. Não obstante, mesmo com as piores experiências, há variação individual e, daí, uma graduação de resiliência não está fora de questão”. Ele fez essa e outras afirmações em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line. Rutter é professor de Psiquiatria Infantil no Instituto de Psiquiatria da Universidade de Londres. A pesquisa do professor, uma autoridade internacional em desenvolvimento infantil e psiquiatria infantil, rendeu a ele numerosos prêmios, incluindo o prêmio de eminente Contribuição Científica da Associação Americana de Psicologia.



IHU On-Line - O que significou, para o senhor, a descoberta de um paradigma tão diferente (resiliência), que quebra a lei do trauma (teoria de Freud)? O que significa hoje esse novo paradigma?

Michael Rutter - Minha opinião é que, apesar de a teoria psicanalítica ser de importância histórica considerável, provou-se equivocada em muitas

especificidades, particularmente com relação ao desenvolvimento, que não é mais um guia útil para a compreensão.

IHU On-Line - A resiliência encontra aceitação na academia? Como ela se articula e se relaciona com o estudo das situações traumáticas e com a psicanálise?

Michael Rutter - Penso que, mais ou menos, todos aceitam a realidade do fenômeno da resiliência. Quer dizer, com todos os tipos de experiências adversas (tanto físicas quanto psicossociais), existe uma variação substancial em como as pessoas reagem. Conseqüentemente, precisamos compreender os mecanismos que estão envolvidos nessa variação.

IHU On-Line - Considerando a sociedade de consumo em que vivemos, como não distorcer o enfoque da resiliência? Como evitar que a resiliência seja confundida com uma proposta de auto-ajuda?

Michael Rutter - Presumo que você esteja fazendo alusão ao perigo de a noção de resiliência levar algumas pessoas a presumir que porque algumas crianças podem superar a adversidade isso signifique que não tenhamos que nos preocupar com a existência de danos psicológicos. Obviamente, isso é um perigo possível, mas envolve uma séria negligência da extensa evidência de que experiências adversas possam causar um mal terrível.

IHU On-Line - Quem são mais frágeis ou mais resilientes: meninas ou meninos? A condição de mulher ajuda mais na vulnerabilidade ou na resiliência?

Michael Rutter - Não acredito que haja, sobretudo, uma diferença sexual na resiliência; depende muito de que tipo particular de adversidade está sendo considerada.

IHU On-Line - O que é melhor para que a resiliência aconteça: ficar em silêncio ou contar a história traumática para os outros? O que ajuda mais e em que casos?

Michael Rutter - A resiliência é um processo e não um impacto/resultado como tal, e portanto, não está claro para mim o que é que as pessoas possam estar falando. Geralmente, no entanto, é bom que as pessoas possam confiar em outras e compartilhar a responsabilidade nas tomadas de decisão.

IHU On-Line - Todos nós temos áreas de resiliência? Existem situações traumáticas diante das quais ninguém pode ser resiliente? Ou isso varia? Como ocorre essa variação?

Michael Rutter - Algumas pessoas vêm tendendo a querer rotular indivíduos como inerentemente resilientes ou vulneráveis, e isso parece, para mim, um total mal-entendimento do conceito. As pessoas podem ser resilientes com relação a algumas experiências, mas não resilientes em relação a outras. Igualmente, podem ser resilientes com relação a alguns impactos, mas não todos. Acredito que existam algumas situações que sejam tão profundamente danosas que uma grande maioria dos indivíduos sejam adversamente afetados. Não obstante, mesmo com as piores experiências, há variação individual e, daí, uma graduação de resiliência não está fora de questão.

Invenção

EDITORIA DE POESIA

Ronald Polito

Nascido em 1961, em Juiz de Fora (MG), Ronald Polito é poeta, tradutor, ensaísta e historiador. Publicou, entre outros, os livros *Solo* (1996), *Intervalos* (1997) e *Terminal* (2006), todos lançados pela editora 7Letras, do Rio de Janeiro, além de *De passagem* (São Paulo: Nankin, 2001) e *Pelo corpo* (São Paulo: Alpharrabio Editorial, 2002), este em parceria com Donizete Galvão. Na área da tradução, verteu para o português poemas de Sylvia Plath, Pierre Reverdy e autores catalães, entre outros. Também organizou estudos sobre obras, como “Caramuru”, e escreveu sobre Tomás Antônio Gonzaga em *Um coração maior que o mundo* (São Paulo: Globo, 2003), resultado de seu trabalho de mestrado, feito em História Social das Idéias, pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

O poeta procura sintetizar a corrosão da vida moderna: ele parte do desastre cotidiano, o qual enfrenta com um olhar diferenciado, e o converte numa poesia que nega sua própria matéria, através de um certo pessimismo que atinge seu mais alto grau pela ironia (os títulos dos poemas de Polito representam essa característica). No entanto, ao empreender essa fuga da matéria, o poeta revela, antes, um apego, em sua solidão, a essa matéria - mesmo que representativa de certa discórdia humana. Algumas das principais características de sua poesia são o minimalismo, o choque diante do outro e a sensação de surpresa frente à realidade, marcada pela violência, sobretudo pelo desgaste da representação do corpo na modernidade. A violência da cidade grande é abordada

sobretudo em seu livro *Terminal*, mas em *Intervalos*, anteriormente, já se destaca uma dissolução da existência. No entanto, assim como em *De passagem*, surgem poemas com um sentido de compreensão e de desilusão amorosa, em “Paixão”, de *Terminal*: “Quando me vejo diante de você / e relembro (ou melhor: / não exatamente isso, pois / não há ordem, história / ou até uma coisa que se ligue / a outra), então, me vêm a mente / uma outra coisa / luz mais feliz sobre / uma cena, um objeto, / uma aragem que / talvez tenha aliviado a / febre da pele, ou uma / gota d’água pura em sua / aparência, quando / vejo (por dentro) e recomponho / a fragilidade de tais mínimos / eventos, tentando fazer com eles / um só corpo, um corpo”.

Polito também publicou *Cenas do Japão* (São Paulo: Globo, 2004), livro de crônicas sobre suas experiências nesse país do Oriente, onde deu aula na Tokyo University of Foreign Studies, no Departamento de Estudos Luso-Brasileiros. Polito concedeu a entrevista “Um enigma não revelado”, na edição 232 da *IHU On-Line*, de 20-08-2007, intitulada “Carlos Drummond de Andrade. O poeta e escritor que detinha o sentimento do mundo”. O texto abaixo, que Polito enviou especialmente à *IHU On-Line*, faz parte de um livro que prepara, com micronarrações poéticas. O texto é releitura de um escrito kafkiano, para o leitor descobrir.

Na platéia

(Lendo Kafka)

Frágil, delicada, a pequena amazona, erguida e colocada por braços poderosos sobre o dorso ondulado de um cavalo branco com adornos flamejantes, dá voltas pelo picadeiro, mas mesmo seu rosto infantil não consegue distrair da monotonia de suas voltas pelo picadeiro, sob o dorso do cavalo branco com adornos, apesar de ele ir às vezes um pouco mais rápido e ela apresentar sem erros sua seqüência de posições na sela. E praticamente não desperta aplausos. E não há ninguém que grite.

Porque ágil, esguia, a garota miúda sobre as ancas do animal que corre, salta e voa por círculos de fogo e facas, rodopia muitas vezes o palco na mira de centenas de pares de olhos ziguezagueando ao encaço de seu vulto, sem fôlego, com descargas de susto e medo diante de tal impensável, talhos de gotas e rajadas de gritos logo suspensos por foles, grandes goles de ar duro. E a explosão de aplausos a retém no palco, obrigando-a a recomeçar seu número. E não há ninguém que chore.

Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias do Dia do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

ENTREVISTAS ESPECIAIS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU) DE 22-10-2007 A 27-10-2007

A importância da Glaciologia para entendermos as mudanças climáticas no Brasil

Jefferson Simões, glaciólogo

Confira nas *Notícias do Dia* 22-10-2007

Jefferson Simões, glaciólogo brasileiro, diz que mudanças ocorridas nas geleiras da Antártida irão afetar diretamente as Américas. Elas afetaram também o nível médio dos mares, e, portanto, nossa costa.

'A fundamentação do Projeto de Ética Mundial não recorre apenas ao fundamento das religiões'

Hans Küng, teólogo

Confira nas *Notícias do Dia* 23-10-2007

Na coletiva de 22-10-2007 o teólogo suíço Hans Küng falou sobre a fundamentação do caráter incondicional dos princípios normativos e sobre questões mais

polêmicas, tais como a inserção de quem não possui religião dentro do Projeto de Ética Mundial e questões como o aborto e o homossexualismo.

Religiões são ambíguas, mas têm o potencial de gerar a paz

Hans Küng, teólogo

Confira nas *Notícias do Dia* 23-10-2007

Hans Küng fez uma síntese histórica das três maiores religiões (cristianismo, islamismo e judaísmo), se detendo nos diversos paradigmas que foram surgindo em cada época. Explicou em detalhes a necessidade do diálogo entre as religiões e a importante contribuição que elas podem dar para um mundo de paz.

'Eu fico apavorado quando nós corremos o risco de ir além do texto da Constituição'

Eros Grau, ministro do STF

Confira nas *Notícias do Dia* 24-10-2007

Eros Grau, ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), é enfático ao dizer que a lei é a única alternativa para garantir a liberdade e a preservação dos direitos da sociedade. Para ele, ser revolucionário no campo jurídico quer dizer cumprir rigorosamente a Constituição.

Comunidade que vem: a comunidade como acontecimento

Sabrina Sedlmayer, psicóloga

Confira nas *Notícias do Dia* 25-10-2007

A psicóloga Sabrina Sedlmayer afirma por que acredita que o pensamento de Giorgio Agamben é tão importante para pensarmos a sociedade contemporânea. Fala também sobre a importância da linguagem na formação das sociedades e da própria obra *A comunidade que vem*.

Um grande futuro para o Projeto de Ética Mundial no Brasil

Paulo Soethe, professor da UFPR

Confira nas *Notícias do Dia* 25-10-2007

Paulo Soethe, o incentivador maior da visita de Hans Küng ao Brasil, graduado em Letras Alemão-Português pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), falou sobre a importância da presença de Hans Küng no Brasil e sobre sua relação com este importante teólogo.

Depressão: a principal neurose da sociedade atual

Fernando Hartmann, psicólogo

Confira nas *Notícias do Dia* 26-10-2007

Considerado um dos grandes males da sociedade contemporânea, a depressão será discutida pelo Roland Chemama, que acaba de lançar o livro *Depressão: a grande neurose contemporânea*, tema de discussão no Fórum Clínico especial sobre a análise de Chemama, que acontece no próximo dia 31, às 16h, na Associação Clínica Freudiana de São Leopoldo. Fernando Hartmann, debatedor do evento, afirma que, “se entendermos que o sujeito é um efeito da linguagem, a questão da subjetividade estará relacionada aos efeitos que os discursos vigentes terão sobre uma singularidade, porque, como efeito, digamos que o sujeito não tem muito a fazer”.

Crítica cultural: tendências, conceitos e debates.

Entrevista especial com Eneida Maria de Souza

Confira nas *Notícias do Dia* 27-10-2007

Eneida Maria de Sousa discute conceitos e tendências de críticos renomados de brasileiros, como Roberto Schwarz e Ricardo Piglia e estrangeiros como Michel Foucault, Jacques Derrida e Roland Barthes. Ela fala das tendências atuais sobre a crítica cultural na América Latina, suas relações com a cultura de massa e com o imaginário nacional, entre outras questões.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM PUBLICADOS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

'Bento XVI tem de aprender com os erros de seu antecessor'

Hans Küng, teólogo

Confira nas *Notícias do Dia* 23-10-2007

Para um dos mais importantes intelectuais católicos progressistas, Hans Küng, o Papa Bento XVI tem o desafio de promover reformas que aproximem a Igreja dos fiéis para não assistir ao esvaziamento dos templos. A reportagem e a entrevista é do jornal *Zero Hora*, 23-10-2007. Küng reforça o discurso pelo fim do celibato entre padres e pela participação feminina na Igreja Católica.

E a licença-paternidade?

Mirian Goldenberg, antropóloga

Confira nas *Notícias do Dia* 23-10-2007

"Não está também na hora de respeitar o homem brasileiro, ou melhor, a paternidade?", pergunta Mirian Goldenberg, antropóloga, mestre em educação e doutora em antropologia social, professora do programa de pós-graduação em sociologia e antropologia da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, 23-10-2007.

'Não estamos avançando na velocidade suficiente'

Gro Harlem Brundtland, médica

Confira nas *Notícias do Dia* 23-10-2007

Para a médica norueguesa Gro Harlem Brundtland, "não estamos indo na velocidade suficiente. Os ataques terroristas de 2001 desviaram o foco das questões ambientais e só agora retomamos o debate". Brundtland foi a primeira mulher a chefiar o governo da Noruega e dirigiu a Organização Mundial da Saúde (OMS). A entrevista é do *O Estado de S. Paulo*, 23-10-2007.

Modelo econômico e degradação ambiental

Gilberto Dupas, economista

Confira nas *Notícias do Dia* 23-10-2007

"A era da abundância em recursos naturais terminou. O poder econômico continua garantindo que as novas tecnologias 'darão um jeito'. Mas, para inúmeros cientistas respeitáveis, mais alguns passos da humanidade na direção errada e o irreparável pode acontecer, tendo as gerações futuras como vítimas", escreve Gilberto Dupas em artigo no *Estado de S. Paulo*, 23-10-2007.

O tempo do perdão e a lógica do inimigo

Raimon Panikkar, teólogo

Confira nas *Notícias do Dia* 25-10-2007

"Convém ressaltar que os choques de civilização têm, historicamente, a ver com o problema da verdade e de sua posse exclusiva. Não se pode negar que em nome da verdade se tenham cometido crimes pavorosos e encontrado horríveis justificativas", diz o filósofo e teólogo espanhol Raimon Panikkar, no artigo publicado no jornal italiano *La Repubblica*, 09-10-2007.

Parte da direita acredita que a ecologia é uma invenção para substituir o socialismo

Rafael Méndez

Confira nas *Notícias do Dia* 26-10-2007

Parte da direita acredita que a ecologia e, especialmente a luta contra a mudança climática é uma invenção para substituir o socialismo. Consideram que o chamamento para que se deixem os carros em casa ou mudar os hábitos da vida é uma intromissão intolerável do Estado na vida privada. Para sustentar essa teoria, procuram desqualificar os cientistas. A análise é de Rafael Méndez, em artigo para o *El País*, 24-10-2007.

'Nós, o Islã e a Europa'**Orhan Pamuk, escritor**Confira nas *Notícias do Dia* 26-10-2007

O escritor turco e prêmio Nobel Orhan Pamuk rompe o silêncio sobre as questões políticas (“na Turquia a tensão política se acalmou”) e numa entrevista ao *La Repubblica*, em 24-10-2007, denuncia que, “quando falta a liberdade de palavra, significa que falta a dignidade humana”. Segundo o Nobel, a Europa olha para o seu país com muitos clichês.

O Projeto Manhattan foi necesario**Roy Glauber, físico**Confira nas *Notícias do Dia* 27-10-2007

Aos 82 anos, o pioneiro da ótica quântica continua trabalhando nas fronteiras da física, 60 anos depois de

ter participado do *Projeto Manhattan*. Roy Glauber não lamenta ter participado da construção da primeira bomba atômica. Segundo ele, em entrevista para o *El País*, 24-10-2007, “os alemães seguramente sabiam tanto como nós sobre a energia nuclear e, portanto, era necessário conseguir a bomba primeiro”.

“A Terra está por atingir um ponto de não retorno”, afirma a ONU. A sexta grande extinção em massaConfira nas *Notícias do Dia* 28-10-2007

“A Terra está por atingir um ponto de não retorno.” É alarmante a previsão da Agência da ONU para o meio ambiente - Unep - no 4º Relatório sobre as prospectivas globais da terra “Geo-4”, realizado à base dos dados recolhidos por 390 especialistas, nos últimos 20 anos. A reportagem é do jornal *Corriere della Sera*, 27-10-2007.

Frases da Semana

SÍNTESE DAS FRASES PUBLICADAS DIARIAMENTE NAS NOTÍCIAS DO DIA NO SÍTIO DO IHU.

CPMF

“Se o Senado não aprovar a prorrogação da CPMF, estamos perdidos” - **Guido Mantega**, ministro da Fazenda - *O Estado de S. Paulo*, 23-10-2007.

“Quando o governo sabe que pode negociar e prefere simular (ou provocar) o fim do mundo, vem uma suspeita: a votação da CPMF é o ensaio para a aprovação de outra emenda constitucional, aquela que dará a Lula a capacidade de disputar o terceiro mandato” - **Elio Gaspari**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 24-10-2007.

“Foi um troca-troca deslavado entre governo, PT e PSDB: salvaram a cabeça do tucano Eduardo Azeredo pela aprovação da CPMF” - **Eliane Cantanhêde**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 25-10-2007.

“Tião Viana cresceu no vácuo, pois a bancada do Senado está abalada pela falta de rumo de Mercadante e pelo excesso de governismo de Ideli Salvatti e de independência de Suplicy. E cresceu na direção da oposição. Tem bom diálogo com os tucanos desde o governo FHC e foi o articulador das conversas com o PSDB sobre Azeredo-CPMF” - **Eliane Cantanhêde**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 25-10-2007.

“A CPMF não é o pior imposto do país. Tem a vantagem de oferecer pistas de parte do dinheiro sujo do país, como caixinhas variadas e sonegações de senadores” - **Vinicius Torres Freire**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 25-10-2007.

“Demos” e tucanos, como se sabe, são descarados. Sempre defenderam a CPMF quando isso interessou ao governo deles” - **Vinicius Torres Freire**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 25-10-2007.

“A CPMF é cerca de 4% da arrecadação nacional de impostos e contribuições. Isto é, cerca de 96% do caixa nacional de tributos passa em branco pelos senadores e deputados” - **Vinicius Torres Freire**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 25-10-2007.

“O PSDB está louquinho para aprovar a CPMF. precisa ter um discurso. É isso que nós temos de providenciar” - governista envolvido nas conversas com o PSDB segundo **Renata Lo Prete**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 28-10-2007.

Fantástico

“Nós devemos agora investir em indústria, construção, energia e transportes. O Brasil é muito importante para nós: 30% do banco Santander está aqui” - **Emilio Botín**, presidente mundial do banco Santander - *Folha de S. Paulo*, 23-10-2007.

“O Brasil é um país fantástico, com bancos fantásticos, empresários fantásticos. E teve o privilégio de contar com dois presidentes fantásticos: Fernando Henrique Cardoso e Lula, que é uma figura sensacional. Eu o conheci em 2002, num escritório em SP. Era Lula, uma mesa e nada mais. E o [Antônio] Palocci já estava lá! O Brasil é incrível. Conversei ainda hoje por telefone com o Miguel Jorge [ministro

do Desenvolvimento] que estava no avião do Lula, vindo de Angola para cá. O mundo ainda não descobriu o Brasil” - **Emilio Botín**, presidente mundial do banco Santander - *Folha de S. Paulo*, 23-10-2007.

Drogas

“É o garoto de elite, são jovens homens brancos solteiros de alta renda que vivem nas capitais do Sudeste e freqüentam instituição privada de ensino: 62% da classe A” - **Marcelo Néri**, economista da FGV, traçando o perfil do consumidor de drogas do país - *O Estado de S. Paulo*, 24-10-2007.

Sacrifícios

“O Rio chegou a um ponto que infelizmente exige sacrifícios. Sei que isso é difícil de aceitar, mas, para acabarmos com o poder de fogo dos bandidos, vidas vão ser dizimadas” - **José Mariano Beltrame**, secretário de Segurança do Rio de Janeiro - *Veja*, desta semana.

Capitão Nascimento

“Talvez para uma parte da população, o Rio precise do Capitão Nascimento, e é isso que me incomoda no filme. Ele representa a vingança” - **Hugo Carvana**, diretor de cinema - *O Estado de S. Paulo*, 24-10-2007.

“Eu considero o capitão Nascimento um herói” - **José Mariano Beltrame**, secretário de Segurança do Rio de Janeiro - *Veja*, desta semana.

Moda

“Ser da moda é já estar fora de moda” - **Roberto Capucci**, artista e considerado o ‘menino prodígio’ da moda italiana - *La Repubblica*, 24-10-2007.

Pícaro

"Nunca mais na história deste país o pícaro e o trágico deverão apresentar-se em nome da esquerda, na face mais visível de um governo cujo principal partido que o sustenta se originara em tantas e autênticas lutas sociais e políticas" - **Ricardo Antunes**, professor da Unicamp - *Folha de S. Paulo*, 26-10-2007.

Bergoglio

"A oposição argentina tem somente um quadro importante, mas que está na sombra e não pode ser candidato: Jorge "Cardeal" Bergoglio. É o chefe da oposição espiritual da oposição" - **Miguel Bonasso**, escritor e jornalista argentino, candidato a deputado, apoiando Cristina Kirchner como candidata à presidência nas próximas eleições - *Página/12*, 24-10-2007.

EUA

"No passado, na disputa de Kennedy contra Nixon, em 1960, até o governo JK torcia pelo democrata, esperando que ele apoiasse a Operação Pan-Americana. Hoje, ninguém acredita que vá fazer muita diferença para nós quem estiver na Casa Branca a partir de 2009" - **Rubens Ricupero**, diretor da Faculdade de Economia da Faap - *Folha de S. Paulo*, 28-10-2007.

"Enquanto a China e a Ásia mantiverem altos os preços e a demanda por commodities, a América Latina não precisa dos EUA, mercado saturado para esses produtos" - **Rubens Ricupero**, diretor da Faculdade de Economia da Faap - *Folha de S. Paulo*, 28-10-2007.

Agenda de eventos

Dia 30/10/2007

O paciente inglês, de Anthony Minghella (1996) - o poder da palavra¹

Cinema e Saúde Coletiva II - Cuidado e Cuidador: os vários sentidos dessa relação

Prof. Dra. Rosane Molina - Unisinos

Horário: 8h30min às 12h

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Dia 31/10/2007

Questionando a hegemonia do determinismo econômico: o movimento antiutilitarista - Alain Caillé²

Ciclo de Estudos Fundamentos Antropológicos

Prof. Dr. Paulo Henrique Novaes Martins de Albuquerque - UFPE

Horário: das 19h30min às 22h

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

*O Animal Racional e as novas Tecnologias*³

III Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: o admirável e o desafiador mundo das nanotecnologias

Prof. Dr. Gérson Neves Pinto - Unisinos

Horário: das 17h30min às 19h

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

¹ Confira nessa edição a entrevista com a professora Rosane Molina, da Unisinos. (Nota da *IHU On-Line*)

² Alain Caillé (1944): Sociólogo, filósofo, antropólogo e economista francês. É autor de vários livros, dentre os quais destacam-se *Critique de la raison utilitaire* (Paris: Lá Decouverte, 1989) e *Antropologia do dom. O terceiro paradigma* (Petrópolis: Vozes, 2002). Alain Caillé concedeu entrevista à revista *IHU On-Line* de nº 96, intitulada *O regime militar: a Economia, a Igreja, a Imprensa e o Imaginário*, de 12 de abril de 2004. A entrevista apresentou as reflexões de Marcel Mauss sobre a arbitrariedade cultural de nossos comportamentos mais casuais, definindo o corpo como o primeiro e mais natural objeto técnico e, ao mesmo tempo, meio técnico do homem. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Confira nessa edição um artigo do professor Gérson Neves Pinto, da Unisinos, concedido à *IHU On-Line*. (Nota da *IHU On-Line*)

Professor x estudante: relações de cuidado

ENTREVISTA COM ROSANE KREUSBURG MOLINA

Para a Profa. Dra. Rosane Kreuzburg Molina, a relação de cuidado e cuidador, em sala de aula vêm passando por transformações ao longo dos anos. Por muito tempo, explica, os educadores se ocuparam em compreender como as pessoas aprendiam, e recentemente, passaram a estudar quem são as pessoas que aprendem. Para ela, essa mudança de paradigma é fortalecedora, pois, além de indicar diferenças, “é uma pergunta profundamente humana”.

O filme O paciente inglês, o qual ela comentará na terça-feira, 30-10-2007, no Cinema e Saúde Coletiva II - Cuidado e Cuidador: os vários sentidos dessa relação, “é extremamente rico em evidências de que uma relação de cuidado exige conhecimento mútuo entre pessoas”. O evento está marcado para às 8h30min na sala 1G119, no Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

Rosane Kreuzburg Molina, docente na Unisinos, integrante do PPG Educação, graduou-se em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e cursou o doutorado em Filosofia y Ciências de La Educación pela Universidad de Barcelona.

Confira a entrevista concedida por e-mail, à IHU On-Line:

Filme: O paciente inglês

Gênero: Drama

Tempo de duração: 160 minutos

Ano de lançamento: 1996

Direção: Anthony Minghella

Elenco: Colin Firth, Clive Merrison, Juliette Binoche, Willem Dafne, Julian Wdham, Naveen Andrews, Kevin Whately, Jürgen Prochnow, Kristin Scott Thomas

Sinopse: Hana (Juliette Binoche) é uma enfermeira que, durante a Segunda Guerra Mundial, cuida de um desconhecido, que teve o corpo completamente queimado quando seu avião foi abatido. Durante uma longa conversa, o paciente inglês conta para sua enfermeira sobre o grande amor correspondido por Katharine (Kristin Scott Thomas), o relacionamento com seu melhor amigo Geoffrey (Colin Firth) e toda a emoção que ele não gostaria de lembrar. Vencedor de 9 Oscar, incluindo Filme e Diretor.

IHU On-Line - Como o filme *O paciente inglês* nos ajuda a entender a relação entre cuidado e cuidador?

Rosane Kreuzburg Molina - A relação entre Ralph Fiennes (paciente) e Juliette Binoche (Hana, a enfermeira), para além dos cuidados de saúde e os conhecimentos específicos deles decorrentes, nos brinda uma observação sobre uma experiência de uma boa relação. Uma boa relação, na dimensão educativa, é aquela capaz de construir um ambiente de confiança entre as pessoas que experienciam a situação. Confiança que autoriza os sujeitos diretamente implicados numa determinada ação a trocarem, entre si, informações, histórias, lembranças, ou seja, legítimos conhecimentos entre sujeitos. O filme *O paciente inglês* é extremamente rico em evidências de que uma relação de cuidado exige conhecimento mútuo entre pessoas que, no caso de saúde, estão em relações mediadas por conhecimentos e objetivos de atenção à saúde.

IHU On-Line - Que cena do filme marca essa relação?

Rosane Kreuzburg Molina - Há muitas cenas. O filme explora tão bem a linguagem cinematográfica na dimensão de imagens e sons que praticamente nos transporta às situações vividas pelos personagens. De qualquer forma, eu destaco uma frase, entre tantas que poderiam ser destacadas ao longo dos inúmeros diálogos. A pergunta do “paciente”: “quantas horas dura um dia no escuro?”, feita no momento em que Hana, ocupada com o cuidado, refere-se a um tempo (técnico) de duração e espera. Hana poderia não ter dado ouvidos, poderia ter respondido qualquer outra coisa, enfim, poderia ter interpretado de várias formas, mas, coerente com a relação respeitosa e ética que naquele momento já estava construída, nada diz: põem-se igualmente a pensar que as noções de tempo e espaço, mais que noções relativas, têm significado humano.

IHU On-Line - Como a senhora percebe o relacionamento entre professores e alunos? Com o passar dos anos, a relação entre ambos ganhou mais liberdade. Isso significou um avanço ou um retrocesso, já que muitos professores reclamam da falta de respeito dos estudantes?

Rosane Kreuzburg Molina - Para mim e, afortunadamente, para muitíssimos educadores, liberdade sempre significa avanço. É a liberdade que favorece, por exemplo, a discussão sobre ou entre as diferentes possibilidades de leitura do nosso mundo. O fato de a liberdade de expressão, por exemplo, favorecer as discussões nos ajuda a compreender as diferenças, a respeitar as diferenças e, conseqüentemente, a estabelecer diálogos mais qualificados e mais éticos entre ou sobre situações ou fatos com os quais pessoas estão em posições ou situações diferentes. Ser professor é estar num lugar social que é diferente do lugar social do estudante. Não creio que seja a liberdade que possa comprometer essa relação. Talvez a relação venha se complexificando por conta de, por razões diversas e próprias do nosso tempo histórico, nos conhecermos, hoje, menos que ontem, tanto como pessoas quanto como grupos sociais.

IHU On-Line - Como essa relação de cuidado e cuidador se dá nas salas de aula? Há diferenças no ato de cuidar nas escolas públicas e privadas?

Rosane Kreuzburg Molina - Não vejo que possa haver diferenças entre escolas públicas e privadas no que se refere às ações inerentes à docência. As diferenças, obviamente, se localizam nos contextos e nos processos de trabalho, porque instituições educativas, nesse caso, públicas e privadas, têm identidades, propósitos e compromissos próprios, portanto, diferentes.

Para tratar sobre a relação, cuidado-cuidador, em se tratando de professores e estudantes, vou recorrer, sem reducionismos, a uma frase sobre a qual converso muitas

vezes em sala de aula: “É saudável cuidar das idéias dos outros e das próprias idéias”. Ou seja, de uma forma muito simples e, portanto, facilmente inteligível, a relação entre pessoas, que se dá numa sala de aula, sempre que mediada pelo conhecimento, exige cuidado, reflexão, vigilância epistemológica e, sobretudo, escuta: consigo e com cada estudante interlocutor.

IHU On-Line - O que falta para fortalecer os laços de afetividade e cuidado entre professores e alunos?

Rosane Kreuzburg Molina - Primeiro, não estou segura que seja possível generalizar que haja essa fragilidade. Nos casos em que esses vínculos não estejam suficientemente estabelecidos, é bom que se avalie o que está ocorrendo. Hoje, por razões bastante conhecidas, as condições sociais, nas quais grande número de professores trabalha, são adversas às exigências da profissão docente. Construir laços de confiança e de afetividade que favoreçam o exercício das nossas capacidades de escuta e de reflexão exige conhecimento, estudo, enfim, competências teóricas que, por sua vez, exigem condições materiais e temporais que os professores têm cada vez menos.

IHU On-Line - Que políticas públicas são necessárias para intensificar a relação dos professores com a escola como um todo?

Rosane Kreuzburg Molina - As políticas educacionais, para falar das políticas diretamente implicadas com os processos escolares, por si só não têm esse alcance. Muitas vezes, têm essa pretensão, mas, por um lado, a relação dos professores com as comunidades escolares e com a vida das escolas está situada no contexto da prática e não no contexto da formulação das políticas. Por outro lado, os formuladores das políticas educacionais ao formulá-las, raramente se preocupam em considerar o que fazem e o que sabem os professores que trabalham nas escolas reais. Portanto, o que

podemos reivindicar, como categoria profissional, é que políticas educacionais legitimem as reivindicações de tempos qualificados nos espaços concretos de trabalho para os professores estudarem, dialogarem, avaliarem e dimensionarem suas ações concretamente situadas.

IHU On-Line - O professor deixou de lado a função de ensinar (conteúdos) para agir mais como um cuidador e um conselheiro dos alunos? Como a senhora percebe as mudanças nessa relação, ao longo do tempo?

Rosane Kreuzburg Molina - Aqui, penso que vale lembrar que a escola - invenção da modernidade - talvez seja, entre todas instituições, da qual segue-se “cobrando” que cumpra o que prometeu ao ser concebida - produzir e transmitir conhecimentos - e que também dê conta de tudo mais que se identifica como “demanda” social, até os tempos atuais. Normalmente, admitimos as mudanças sociais e, conseqüentemente, admitimos novas relações nos núcleos familiares, por exemplo. Ora, a escola segue sim produzindo e transmitindo conhecimentos, mas de outra forma. Por que de outra forma? Porque somos outros sujeitos, tanto professores como estudantes, e porque temos demandas subjetivas diferentes das dos tempos passados. Ser professores, conselheiros e cuidadores é situar a docência em tempos e espaços produtores de novas narrativas. Refiro-me às narrativas da escola, dos docentes e dos discentes, sobretudo das crianças e dos adolescentes.

IHU On-Line - Que atividades ou situações podem contribuir para fortalecer essa relação?

Rosane Kreuzburg Molina - As relações entre pessoas são relações de aprendizagem. Vale dizer que não ocorrem naturalmente, ou seja, são relações de aprendizagens quando há essa intencionalidade. Tanto no campo da saúde quanto no campo da educação é difícil dizer onde está o limite do lugar de quem ensina para o

lugar de quem aprende sempre que uma relação esteja pautada pela pergunta: quem é o sujeito? Com quem estou dialogando? Por muito tempo, nós, educadores, nos ocupamos em estudar e compreender como as pessoas aprendem para, muito recentemente, nos ocuparmos

também em estudar e compreender quem são as pessoas que aprendem. Penso que essa nova pergunta é fortalecedora das relações de aprendizagens porque, além de significar as diferenças, é uma pergunta profundamente humana.

O mercado está contra a lógica antiutilitarista

ENTREVISTA COM PAULO HENRIQUE MARTINS

O modelo desenvolvimentista aplicado no Brasil resultou em muitos problemas sociais, como o crescimento das favelas e o aumento da exclusão social, disse o Prof. Dr. Paulo Henrique Martins, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em entrevista concedida à IHU On-Line, por e-mail. Embora o desenvolvimentismo tenha sido superado em 1980, com a crise financeira do Estado brasileiro e a implantação da Constituição de 1988, os problemas do País não foram resolvidos. A falta de uma crítica antiutilitarista impediu que o Brasil adotasse “um modelo mais descentralizado” do ponto de vista administrativo e decisional, explica. Aperfeiçoou-se assim, uma sociedade de mercado, na qual o lucro se tornou o objetivo central. O Governo Lula, enfatiza, tenta fazer “renascer o defunto do desenvolvimentismo”. E rebate: “O presidencialismo brasileiro segue uma lógica perversa que tende a fazer do chefe da nação um refém dos grupos de interesse e lobbies que infestam o congresso nacional, os ministérios e todas as instâncias de decisões importantes”, reitera. Atitudes como essa, diz o professor, mostram “a fragilidade do debate antiutilitarista no nosso País”.

Para ampliar o debate sobre a crítica antiutilitarista, de Alain Caillé, o professor estará no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, na próxima quarta-feira, 31-10-2007, participando do Ciclo de Estudos Fundamentos Antropológicos da Economia, proferindo a palestra Questionando a hegemonia do determinismo econômico: o movimento antiutilitarista - Alain Caillé (1944). O encontro acontece na sala 1G119, às 19h30min.

Martins graduou-se em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco, cursou o mestrado e doutorado em Sociologia pela Universidade de Paris I e pós-doutorado na mesma área na Universidade de Nanterre, Paris X. Diretor da ALAS (Asociación Latino Americana de Sociología), Martins também é colaborador da Revue du MAUSS, na França, e vice-presidente da Associação MAUSS (Mouvement Anti-Utilitariste dans les Sciences Sociales). O Jornal do Mauss versão iberolatinoamericana pode ser acessado através do site (www.jornaldomauss.org), no qual está publicada uma entrevista com Alain Caillé. Paulo Henrique Martins concedeu a entrevista “O dom de Marcel Mauss”, em 09-10-2006, à IHU On-Line número 199, intitulada Os desafios da diversidade sexual.

IHU On-Line - Muitos especialistas dizem que as Ciências Sociais estão em crise. Que fatores levaram a esse problema? Como recuperar uma análise construtiva das Ciências Sociais?

Paulo Henrique Martins - A princípio, é importante registrar que a idéia de crise, que é muito ampla, precisa ser contextualizada. Na perspectiva da crítica antiutilitarista, a idéia de crise das Ciências Sociais tem a ver com o fato de elas não terem conseguido firmar, de fato, um pensamento crítico que fosse capaz de desconstruir eficazmente a perspectiva do interesse material egoísta como valor básico da vida social, conforme é defendida pela ideologia utilitarista hegemônica. Para Caillé no seu livro *A demissão dos intelectuais*¹, embora a Sociologia tenha surgido como reação à idéia de redução do ser humano a um “homo economicus”, na prática esta reação assumiu formato difuso e limitado e, em certa direção, chegou mesmo a ser capturada pela doutrina utilitarista hegemônica como são testemunhos certas teorias como aquelas da escolha racional e do individualismo metodológico. Repensar as Ciências Sociais implica em repensar os paradigmas fundadores da modernidade. Neste sentido, na crítica maussiana, a saída para a superação dos dois paradigmas típicos da modernidade - o individualista configurado institucionalmente pelo mercado e o holista, pelo Estado - seria investir num terceiro paradigma, o do dom e da associação, mais próprio da experiência diversificada e múltipla da sociedade civil.

IHU On-Line - Com a elaboração da crítica antiutilitarista, qual é a principal contribuição de Alain Caillé para a sociedade nos âmbitos econômicos, políticos e sociais?

¹ *A demissão dos intelectuais* (Lisboa: Instituto Piaget, 2000). A obra aborda a crise das ciências sociais e o esquecimento do fator político. (Nota da *IHU On-Line*)

Paulo Henrique Martins - Caillé tem uma formação acadêmica diversificada, percorrendo, com desenvoltura, as fronteiras da filosofia, da economia, da sociologia, da antropologia e da política. Em termos de sua contribuição para a crítica antiutilitarista, diria que ela é muito ampla, mas gostaria de assinalar dois pontos que me parecem fundamentais: um deles é a análise muito pertinente que ele faz da filosofia utilitarista que está sintetizada num livro não publicado em português e intitulado *Crítica da razão utilitária*². O outro diz respeito à sistematização do dom na alta modernidade, mérito intelectual que ele divide com Jacques Godbout³. De fato, eles utilizam a contribuição de Marcel Mauss⁴ sobre o dom para a contemporaneidade, demonstrando que, ao contrário das sociedades tradicionais em que a obrigação coletiva se impunha sobre a ação individual, no momento presente, diferentemente, surge um fato inédito, aquele da “obrigação de ser livre”. Isto é, o dom na atualidade é o centro de um sistema de trocas ambivalente, pois, a cada momento, o indivíduo ou a pessoa moral, em geral,

² Título original: *Critique de la raison utilitaire* (Paris: Lá Decouverte, 1989), do autor Alain Caillé.

³ Jacques Godbout (1933): Poeta, romancista, dramaturgo e cineasta canadense. Entre seus livros destacam-se *O Espírito da Dádiva* (Lisboa: Instituto Piaget, 1997) e *Uma História Americana* (São Paulo: Nova Alexandria, 2000). Este último foi traduzido para o português. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ Marcel Mauss: refletiu sobre a arbitrariedade cultural de nossos comportamentos mais casuais, definindo o corpo como o primeiro e mais natural objeto técnico e, ao mesmo tempo, meio técnico do homem. Sobre Marcel Mauss, pode-se ler a entrevista de Alain Caillé publicada na *IHU On-Line* n.º 96, de 12 de abril de 2004, a propósito da publicação do livro *História Argumentada da Filosofia Moral e Política. A Felicidade e o útil*, organizado por Alain Caillé, Christian Lazzeri e Michel Senellart. O pensamento de Mauss é tema da palestra “A economia do dom e a visão de Marcel Mauss”, a ser realizada pelo Prof. Dr. Paulo Henrique Martins (UFPE), na programação do evento Alternativas para outra economia, em 10 de outubro de 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

confronta-se com as perspectivas de constrangimento e de liberação do compromisso. Esta dúvida fenomenal não pode existir nas sociedades tradicionais estudadas por Mauss, Malinowski¹ e também Lévi-Strauss².

IHU On-Line - Como o senhor percebe a política numa sociedade antiutilitarista? Nesse contexto, o Estado passa por transformações?

Paulo Henrique Martins - A política, numa sociedade antiutilitarista, está estreitamente ligada ao fenômeno do socialismo associacionista. A este respeito, é bom lembrar que as primeiras manifestações do fato associativo datam do século XVIII com as cooperativas e

¹ Bronisław Kasper Malinowski (1884-1942): antropólogo polaco considerado um dos fundadores da moderna antropologia social, também conhecida como a escola funcionalista. Suas grandes influências incluíam James Frazer e Ernst Mach. Segundo o antropólogo Ernest Gellner, Malinowski tomou uma posição original em relação aos conflitos de idéias do seu tempo. Ele não repudiou o nacionalismo, uma das ideologias nascentes e marcantes do século XIX, mas fusionou o romantismo com o positivismo de uma nova maneira, tornando possível investigar as velhas comunidades, porém, ao mesmo tempo, recusando conferir autoridade ao passado. A principal contribuição de Malinowski à antropologia foi o desenvolvimento de um novo método de investigação de campo, cuja origem remonta à sua intensa experiência de pesquisa na Austrália, inicialmente, com o povo Mailu (1915) e, posteriormente, com os nativos das Ilhas Trobriand (1915-1917). (Nota da IHU On-Line)

² Claude Lévi-Strauss (1908): Antropólogo belga que dedicou sua vida à elaboração de modelos baseados na lingüística estrutural, na teoria da informação e na cibernética para interpretar as culturas, que considerava como sistemas de comunicação, dando contribuições fundamentais para o progresso da antropologia social. Sua obra teve grande repercussão e transformou, de maneira radical, o estudo das ciências sociais, mesmo provocando reações exacerbadas nos setores ligados principalmente à tradição humanista, evolucionista e marxista. Ganhou renome internacional com o livro *Les Structures élémentaires de la parenté* (1949). Em 1935, Lévi-Strauss veio ao Brasil para lecionar Sociologia na USP. Interessado em etnologia realizou um trabalho de pesquisa em aldeias indígenas do Mato Grosso. A experiência foi sistematizada no livro *Tristes trópicos*, publicado em 1955 e considerado um dos mais importantes livros do século XX. (Nota da IHU On-Line)

associações de ajuda mútua. Com o crescimento do mercado e do Estado entre os séculos XIX e XX, tais experiências foram reprimidas, voltando à cena no século XX, através de movimentos importantes, como o feminista, o ambiental, o das minorias étnicas, os culturais, entre outros que trouxeram de volta as práticas associacionistas espontâneas surgidas no interior da sociedade civil e fora dos âmbitos do mercado e do Estado. Não custa lembrar que Durkheim³ e Mauss foram militantes intelectuais do movimento associacionista nos inícios do século XX, na França.

IHU On-Line - O Governo Lula tem atuado pela lógica do determinismo econômico ou social? Qual é a sua avaliação?

Paulo Henrique Martins - Lula é o “Brasil e suas circunstâncias”. O presidencialismo brasileiro segue uma lógica perversa que tende a fazer do chefe da nação um refém dos grupos de interesse e lobbies que infestam o congresso nacional, os ministérios e todas as instâncias de decisões importantes. Lula poderia ter rompido com este sistema perverso, caso tivesse ousado avançar mais corajosamente nos processos descentralizadores, reforçando as práticas associativas municipais e locais. Mas esta tomada de posição mais progressista em direção aos movimentos sociais foi bloqueada por duas razões: uma delas de caráter conjuntural, a confusão do caixa dois que terminou desfocando as questões prioritárias do Brasil; a outra, estrutural, a incipiente crítica teórica no Brasil a respeito dos fundamentos da desigualdade e dos limites das ideologias desenvolvimentistas. Aqui, Lula também ficou sem saídas, o que é provado pelo Programa

³ David Émile Durkheim (1858-1917): conhecido como um dos fundadores da Sociologia moderna. Foi também, em 1895, o fundador do primeiro departamento de sociologia de uma universidade européia e, em 1896, o fundador de um dos primeiros jornais dedicados à ciência social, intitulado *L'Année Sociologique*. (Nota da IHU On-Line)

de Aceleração do Crescimento - PAC -¹, que me parece uma idéia muito antiga e perigosa. Pois o PAC pode reforçar a dependência do Estado com relação ao capital econômico e especulativo, escasseando ainda mais os já modestos recursos públicos destinados às políticas sociais.

***IHU On-Line* - As nações centram suas atividades para alcançar o crescimento econômico a qualquer custo. Até que ponto o crescimento e o desenvolvimento são necessários? O que Caillé diz sobre isso?**

Paulo Henrique Martins - A *Revue du Mauss*² tem uma posição crítica sobre o assunto, no sentido de considerar que idéias como essas do crescimento e do desenvolvimento estão profundamente comprometidas com a ideologia utilitarista e com a redução da complexidade social a um referente econômico, negligenciando todos os demais elementos culturais, políticos, morais etc., que estão presentes na organização da vida social. A posição de Caillé sobre o assunto vai além da mera crítica ao viés economicista desses modelos. Para ele, existe um certo fetiche na idéia do desenvolvimento, que é a associação da idéia de crescimento com a idéia de ilimitação, desenvolvimento como expansão ilimitada que é extremamente perigosa para o equilíbrio ecossocial. Assim, ele considera que a

¹ Programa de Aceleração do Crescimento (PAC): Lançado em janeiro de 2007, é um programa do Governo Federal brasileiro que engloba um conjunto de políticas econômicas, planejadas para os próximos quatro anos, e que tem como objetivo acelerar o crescimento econômico do Brasil. (Nota da *IHU On-Line*)

² *Revue du Mauss* (Revista do Mauss): Fundado em 1981 por Alain Caillé, o Mauss - Movimento Anti-utilitarista das Ciências Sociais - é um movimento intelectual surgido na França fortemente inspirado na obra de Marcel Mauss (sobretudo no seu "Ensaio sobre a Dádiva"), com o objetivo de fazer, de forma sistemática, a crítica antiutilitarista nas Ciências Sociais. O movimento criou o "Bulletin du Mauss", que circulou de forma discreta até 1989, quando recebeu o apoio da Editora La Découverte e tornou-se a "Revue du Mauss" trimestral. Em 1994, a revista passou a ser semestral. (Nota da *IHU On-Line*)

saída dessa discussão deve passar pela retomada da discussão sobre a democracia para se repensar a modernização a partir da pluralidade de interesses em jogo e, sobretudo, da experiência participativa.

***IHU On-Line* - Como repensar a globalização a partir de uma crítica direta à ideologia desenvolvimentista?**

Paulo Henrique Martins - O desenvolvimentismo é um modelo de modernização que se caracteriza pelo papel do poder central estatal como principal agente das reformas econômicas, por um lado, e, por outro, pela busca de eliminação acelerada das práticas tradicionais - vista como bloqueadoras da modernização - e sua substituição por práticas modernas - como as representadas pelo trabalho assalariado e pela introdução de tecnologias agrícolas que aumentam a produtividade econômica no campo. A aplicação do modelo desenvolvimentista no Brasil resultou em uma migração em larga escala do campo para a cidade, com crescimento das favelas e da exclusão social. O modelo desenvolvimentista se esgotou face a dois fenômenos: a crise financeira do Estado brasileiro na década de 1980, e o surgimento de uma sociedade civil complexa, que passou a exigir novos mecanismos de participação no plano local o que levou à grande reforma constitucional de 1988.

Mas a ausência de uma crítica antiutilitarista referente ao desenvolvimentismo no Brasil impediu que adotássemos ainda nos anos 1980 um outro modelo mais descentralizado de fato (não apenas do ponto de vista administrativo, mas, sobretudo, decisional). No vácuo deixado pela fragilidade do debate teórico, os economistas neoliberais tomaram à frente dos mecanismos de formação da opinião pública e fizeram a cama para a ideologia neoliberal e antiestatista. O resultado foi o agravamento e a deterioração das condições socioeconômicas, pelo simples fato, como dizem Caillé e Godbout, que o objetivo do mercado não é

a promoção do social, mas o lucro, que produz, a médio prazo, a destruição do social.

Descrescimento no lugar de crescimento?

O mais preocupante é que o PAC do governo Lula constitui uma tentativa de fazer renascer o defunto do desenvolvimentismo, o que é uma tentativa tenebrosa. Mas o que mais preocupa é que idéias com essas apenas revelam a fragilidade do debate antiutilitarista no nosso país, o que é lamentável. No momento atual, a crítica ao desenvolvimentismo entre os críticos antiutilitaristas tem passado pela idéia de desconstrução do ideal do crescimento (descrescimento), trabalho a ser feito pela entidades engajadas na sociedade civil e fora do Estado, como o propõe Latouche¹. A idéia é sedutora, mas problemática, no que diz respeito à América Latina por duas razões. Em primeiro lugar, é muito difícil se

¹ Serge Latouche: economista, sociólogo e antropólogo, professor na Universidade de Paris-Sul e presidente da Associação Linha do Horizonte. É autor de, entre outros, *Les Dangers du marché planétaire* (Paris: Editora Presses de Sciences, 1998). Latouche concedeu uma entrevista à *IHU On-Line* n.º 100, de 10 de maio de 2004, que tem como título “Como salvar o planeta e a humanidade? Decrescimento ou desenvolvimento sustentável?”. (Nota do *IHU On-Line*)

pensar uma alternativa aos modelos atuais de desenvolvimento na região sem que o Estado esteja de algum modo participando, devido a seu peso no PIB e na organização dos sistemas municipais. Em segundo lugar, a idéia de desacelerar ou mesmo reverter o crescimento é complicada pois necessita que se defina mais claramente o que se deve decrescer. Uma coisa é falar de diminuir o peso do capital especulativo na nossa economia (este seria uma boa reversão), outra seria diminuir a economia pública estatal que chega a quase 40% do PIB brasileiro. Isto seria catastrófico, penso, devido ao peso do Estado na geração de empregos e de ações públicas.

***IHU On-Line* - Alain Caillé fala do de “Dépenser l'économique contre le fatalisme”. Isso quer dizer que a economia é uma fatalidade?**

Paulo Henrique Martins - Para Caillé, o tema da economia de mercado é colocado como uma fatalidade, isto é, como a única opção para a globalização. Contra este fatalismo, ele propõe que se desnaturalize a economia de mercado para que se possa vislumbrar a existência de diversas modalidades de organização da vida econômica que não se identificam com aquela mercantil.

Nanovigilância: qual é o limite?

POR GERSON NEVES PINTO

Cresce o debate sobre a importância e ao mesmo tempo, a preocupação com as nanotecnologias. Que elas farão parte, com muita intensidade, do futuro humano, não temos mais dúvidas, mas até que ponto as nanopartículas não se tornarão intrusas em nossas vidas? Para Gérson Neves Pinto, Prof. Dr. de Bioética do Curso de Direito da Unisinos, nesse campo de pesquisa, dois aspectos importantes devem ser observados. O primeiro, esclarece, diz respeito às questões dos direitos do indivíduo à intimidade, que segundo ele, podem ser ameaçados pela “nanovigilância”.

Em segundo lugar, estão os problemas de ordem social. O professor destaca a possível perda de controle na produção de nanoprodutos, que podem gerar danos ao consumidor e ao meio ambiente. Assim, explica, “o Direito terá como função assegurar a dignidade da pessoa humana e encontrar o equilíbrio possível entre a liberdade de investigação científica e o respeito pelos direitos fundamentais do indivíduo”. As declarações fazem parte do artigo a seguir, concedido com exclusividade à IHU On-Line.

Gérson Neves Pinto proferirá a palestra “O Animal Racional e as novas Tecnologias”, no próximo dia 31, das 17h30min às 19h, na Unisinos, durante o III Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: o admirável e o desafiador mundo das nanotecnologias, evento que antecede o Simpósio Internacional Uma sociedade pós-humana? Possibilidades e limites das nanotecnologias, que se realizará de 26 a 29 de maio de 2008, na Unisinos.

Sabemos o quanto Freud, no início do século XX, provocou a maior estupefação no meio médico de então, ao afirmar que a sexualidade infantil é algo constitutivo da neurose humana e que esta descoberta não deveria ser algo tão surpreendente e repulsiva, pois, na realidade, ele simplesmente estava recuperando aquilo que os gregos já sabiam há muito tempo e que está maravilhosamente narrado na tragédia de Sófocles, **Édipo Rei**: o destino inelutável do ser humano. Do mesmo modo, podemos imaginar que, nos dias de hoje, com o advento da nanotecnologia, estejamos, novamente, diante de uma nova irrupção daquilo que os Gregos já haviam prefigurado: a “caixa de pandora”, aquilo que simboliza, uma vez aberta, a causa das

maiores catástrofes, pois que nela se encontravam todos os males da humanidade. Outros dirão que a nanotecnologia se constitui numa “caixa de Pandora” às avessas, pois seria a redenção do ser humano no que diz respeito aos segredos da vida e, sobretudo, a possibilidade de transcender o humano, enquanto mortal, atingindo assim, o pós-humano ou o pós-natural.

Seja como for, a nanotecnologia já é uma realidade e ela diz respeito a todos os setores da atividade humana: a medicina e os medicamentos, cosméticos (protetores solares), a indústria têxtil, automobilística e eletrônica, a robótica, a indústria bélica e militar. Enfim, a “caixa de Pandora” já foi aberta, para o bem ou para o mal. Isto

é, a nanotecnologia está no nosso presente e estará, sem dúvida, no nosso futuro. O desafio agora é saber como devemos nos conduzir para uma adequada utilização destes descobrimentos e ter a consciência de que as nanotecnologias podem originar problemas de ordem ambiental, socioeconômicos, éticos que, fundamentalmente, dizem respeito às liberdades individuais. É uma discussão, portanto, que transcende o plano meramente técnico e científico, dizendo respeito ao conjunto da sociedade que se vê frente à possibilidade de sofrer benefícios e malefícios.

O que a nanotecnologia traz de novo no século XXI é algo parecido com o que aconteceu no século XX com a genética: as técnicas inovadoras provenientes da genética deslocaram a fronteira entre a base natural indisponível e o chamado reino da liberdade, como afirmou o filósofo Habermas¹ em seu livro *O futuro da natureza humana*². A intervenção das tecnologias naquilo que até então era absolutamente natural ou por acaso (fecundação, gestação, mutações etc.) fez com que ocorresse uma ampliação do âmbito de intervenção do homem naquilo que era “natural”, modificando, assim, a estrutura geral de nossa experiência moral. Isto também é denominado de “deslocamento moral” por Ronald Dworkin³, em seu livro *A virtude soberana*, como

¹ Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o *Logos* deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. (Nota da *IHU On-Line*)

² *O futuro da natureza humana*: neste livro, Jürgen Habermas aborda a discussão desencadeada pela técnica genética: pode a filosofia se permitir a moderação também em questões relativas à ética da espécie? A obra foi traduzida por Karina Jannini e publicada em 2004, pela editora Martins Fontes, de São Paulo. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Ronald Dworkin (1931): Nasceu em Massachussetts, nos Estados Unidos. É filósofo do Direito norte-americano, e, atualmente, é professor de jurisprudência na University College London e na New York

University School. É conhecido por suas contribuições para a Filosofia do Direito e Filosofia Política. (Nota da *IHU On-Line*)

sendo uma crise dos valores de nossa tradição ético-moral ocidental para tratar e compreender melhor as questões e problemas trazidos pelas rápidas mudanças na ciência genética e as aplicações desta nos diagnósticos, prognósticos e terapias médicas. Este novo horizonte nos coloca frente a uma desafiante reformulação de problemas morais, jurídicos e políticos que o avanço destas novas tecnologias produzirá num futuro bem próximo. Destaca o autor que, diante de temas tão intensos, frente a inovações científicas que acarretaram mudanças, modificam-se os valores de um extremo para outro. Deste modo, um período de estabilidade moral foi substituído pela insegurança moral, o que faz com que alguns atribuam o termo “brincar de Deus”, ao fato dos cientistas desvendarem elementos da ciência capazes de lhes conferir poder sobre a natureza. Deste modo, a ética, a moral e o direito, a partir deste novo quadro situacional, de novas tecnologias, têm que formular novos limites e proteção jurídica na regulação, produção e utilização destes nanoproductos. Destaca-se, ainda, a necessidade de maiores informações aos consumidores destes produtos, a fim de que sua opção seja consciente e, para ilustrar, cita-se como exemplo, o caso de alguns protetores solares, que hoje são nanoproductos, contudo, os consumidores não têm conhecimento dos prováveis malefícios e possíveis danos futuros. Neste sentido, faz-se necessário uma legislação que discipline todos os aspectos que envolvem a pesquisa, utilização e comercialização destes nanoproductos. Na questão da legislação, temos um antecedente histórico parecido, no caso dos transgênicos: sabemos que a Europa dispõe de uma legislação eficaz acerca dos transgênicos, sendo que, no caso do Brasil, existe tal legislação, mas não é efetivamente aplicada.

Os questionamentos pertinentes aos impactos da nanotecnologia na vida das pessoas, em especial, nas

questões que envolvem o direito, devem atentar para a definição de nanotecnologia dada pela COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS (2004), como sendo “a ciência e a tecnologia à escala nanométrica dos átomos e das moléculas e os princípios científicos e as novas propriedades que podem ser compreendidos e controlados ao trabalhar neste domínio”. No caso da nanotecnologia, a Europa inicia um debate tentando delimitar estas questões, na Comissão acima aludida e na Convenção sobre os Direitos do Homem e a Biomedicina, firmada em Abril de 1997. Temos dois eixos importantes a serem observados: em primeiro lugar, a questão dos

direitos do indivíduo à intimidade, liberdade de expressão, os quais podem ser ameaçados pela “nanovigilância”. Em segundo lugar, os problemas de ordem social, tais como as possíveis contaminações, perda de controle na manipulação de nanoproductos e danos ao meio ambiente. O Direito, assim, terá como função assegurar a dignidade da pessoa humana e encontrar o equilíbrio possível entre a liberdade de investigação científica e o respeito aos direitos fundamentais do indivíduo.

Perfil Popular

Adelina Ana de Negri Boff

Há sete anos, Adelina Ana de Negri Boff se dedica ao trabalho na Residência Conceição, casa dos jesuítas que trabalham na Unisinos, além da sua família. A infância no interior, em Rolante, foi privada de luxos, mas Ana lembra com muito orgulho da simplicidade em que cresceu. Mãe de um casal de filhos, Ana tem quatro netos que são seus grandes presentes, e ela faz tudo por eles. Em entrevista à revista IHU On-Line, Ana se revelou uma avó “coruja”, falou da perda do seu pai e revelou o seu grande sonho. Confira, a seguir, a entrevista:



Origens e infância - Adelina Ana de Negri Boff, 60 anos, passou a infância no interior do Estado, em Rolante, seu município de origem. “Morei lá até os sete anos, e minha infância era gostosa, a gente gostava de brincar nos balneários da cidade. Tinha uma relação muito boa com o meu irmão e a minha irmã, e eu era uma criança diferente de hoje, porque tudo estava bom e bonito”, conta. Ana define sua infância como simples, porém ótima, “e que tenho lembranças boas”, afirma.

Família - O pai de Ana trabalhava na Souza Cruz, empresa de seleção e plantio de fumo para fabricação de cigarro. Sua mãe era costureira. “Mais tarde, meu pai foi para Maquiné, perto de Osório, onde morei até os 17 anos”, conta ela. A família de Ana não era rica, mas ela destaca que nunca passaram por necessidade. “O pai sempre trabalhou e não se sabia o que era passar dificuldade”, salienta.

Casamento e estudos - “Gostava de estudar, mas estudei apenas até o 1º ano do 2º Grau, e ainda morava em Maquiné. Depois, eu casei, com 17 anos.” Ana comenta que não deu continuidade aos estudos porque seu pai não deixava os filhos saírem de casa para estudar fora, e ela teria que ir para Osório, onde, na época, o 2º Grau era mais forte. “Aquilo ali já barrou a vida da gente. Concluí aquele 1º ano do 2º Grau e pronto.”

Trabalho - De Maquiné, Ana foi morar em Santa Cruz do Sul. “Nós tínhamos comércio de frutas e verduras, e eu ajudava meu marido, Geraldo, que viajava para levar as cargas para empresas e trazia frutas e verduras para a gente distribuir no comércio.” Ana conta que, mais tarde, seu marido ficou doente, o que comprometeu o trabalho. “Ele teve problema no coração e já não podia mais viajar. Devido à saúde dele, a gente não pôde mais trabalhar”, comenta.

Mudança para São Leopoldo - “De Santa Cruz, como os negócios não estavam mais como a gente almejava, e a gente teve que vender casa, vender tudo, por problemas financeiros. Minha filha veio pra cá estudar e o meu filho tinha uma loja de cópias na Unisinos, e nos convidou para vir também. A gente veio e começou a trabalhar com ele”, conta Ana sobre sua mudança para São Leopoldo, há 11 anos.

Residência Conceição - Enquanto trabalhava na loja de cópias, Ana conheceu o Padre Sebaldo Schuck, que morava na Residência Conceição, casa dos jesuítas que trabalham na Unisinos. O Padre Sebaldo trabalhou durante muitos anos no setor de Suprimentos da Unisinos, e, atualmente, reside em Salvador do Sul. “Ele conhecia uma das funcionárias da loja de cópias e precisava de alguém para ajudar uma cozinheira na praia, e eu disse que eu iria. Fiquei um mês inteiro fora

de casa, o que nunca tinha feito, sem conhecer ninguém, apenas o Padre Sebaldo”, conta. No ano seguinte, Ana foi novamente para Tramandaí auxiliar como cozinheira. Foi desta forma que Ana conheceu todos os padres da casa, que gostaram do seu trabalho e a convidaram para passar a trabalhar com eles na Residência Conceição. “Depois de tantos anos, a primeira vez que trabalho fora é agora. Já estou a sete anos trabalhando na casa e é minha primeira experiência como empregada. É bom, é gratificante e dignificante”, destaca Ana. Ana chega ao trabalho às 06h e sai às 15h. Seu trabalho consiste em fazer o café da manhã, ajudar na lavanderia e na rouparia.

Perda - Aos 42 anos de idade, Ana perdeu o seu pai. “A gente sentiu muito, porque ele era daqueles ‘paizão’. Ele tinha problemas cardíacos, mas a gente nunca imaginava que fosse morrer de repente”. A perda foi muito grande, mas Ana tem boas recordações do pai. “Apesar de ele ser enérgico e não deixar os filhos saírem de casa para estudar, ele era muito bom pai e muito amigo da gente”, destaca.

Filhos e netos - Maribel, hoje com 42 anos, foi a primeira filha de Ana, que engravidou aos 17 anos. Quanto estava com 22 anos, veio o segundo filho, o Giovani, 37 anos. Ana destaca que a maternidade foi uma experiência muito boa e “não deu trabalho, porque tinha a mãe por perto e sempre gostei de crianças. Seguido eu estava ajudando a cuidar dos nenês de conhecidas nossas”, explica. Seus filhos lhe deram quatro netos: Giórgia e Gabriel, de 10 anos, Carmela, de 19, e Pietro, de 11 anos. Ana se define como uma avó coruja e prestativa. “Aquela avó que dá a vida pelos netos. Sou aquela “vózona””.

Sonho - Se fosse mais jovem, Ana gostaria de voltar a estudar, mas agora seus sonhos são continuar

trabalhando e ser feliz. Mas há algo que ela considera muito maior: “ter a minha casa própria”. Ana explica que quando morava em Santa Cruz do Sul tinha sua casa, mas agora mora de aluguel. “Teve um problema de saúde com o meu marido, e, como a minha filha não é casada, quase não contava com o dinheiro, porque tinha que ajudar a filha e os netos. Veio de novo um problema de saúde no meu marido, que teve que fazer duas cirurgias de câncer. E isso tudo tem gastos. Então, aquele sonho tu deixa de lado, porque tem que priorizar a saúde”, enfatiza.

Lazer - Na folga, do trabalho, que é de uma hora, Ana aproveita para assistir televisão ou ler uma revista ou jornal. Já os finais de semana ela aproveita para passear. Os roteiros incluem cultura e meio ambiente “A gente gosta de ir à Feira do Livro de Porto Alegre. Meu filho mora em Pelotas e tem conhecidos dele que têm uma fazenda no Chuí. Foi em um passeio até lá que fiquei conhecendo a Reserva Ecológica do Taim e o Mar de Ermenegildo. Gosto muito de curtir a natureza e é bom passear, porque a gente se descontraí”, afirma.

Mãe - A mãe de Ana, Dona Odila, é o seu maior exemplo. “Ela está com 93 anos e é muito lúcida. Se tu conversa com ela, tu não dá essa idade”, conta Ana, orgulhosa da mãe. Ana conta que apesar da idade, sua mãe ainda faz crochê, joga carta e bingo com as amigas e mora sozinha, em Santo Antônio da Patrulha. “Ela tem uma vontade de viver e não admite que seja velha. Ela diz que as amigas dela são velhas, mas ela não.” Ana define a mãe como “um espelho bom para a gente”.

Religião - Católica e fiel às missas, Ana acredita que ter fé “é saber que com tanta coisa que acontece pra ti,

tu sabe que Deus está em primeiro lugar, outras coisas vêm depois. Com aquela fé, aquela promessa, tu almeja as coisas e parece que tudo vem”. E o que conquistou com a ajuda de Deus Ana reconhece e dá muito valor. “Se eu não fosse uma pessoa de fé, eu jamais teria voltado a trabalhar. Quando eu vim pra cá, depois de ter que vender tudo, e me privar do que eu tinha, eu entrei numa depressão. Só Deus que me fez levantar a cabeça e me mostrar que não se pode fraquejar.”

Política brasileira - “Podia melhorar tanta coisa. Em primeiro lugar, a saúde. Depois, o ensino”, ressalta Ana. Ela acredita que as melhorias não estão aparecendo por reflexo de governos anteriores. “Os problemas vieram de um para o outro”, afirma. Ana relaciona a política com uma família. “Se um membro não tem uma ligação contigo, que tu possa seguir adiante, não tem como tu seguir sozinho e manter”, destaca. Ana revela que não está descontente com a política do país, mas esta poderia melhorar.

Momentos marcantes - Hoje em dia, a minha maior felicidade de Ana são os seus filhos e netos. Algumas tristezas passaram pela sua trajetória, mas ela passou por cima de todas elas. “A gente lembra de algumas coisas com tristeza, mas tem tanta coisa boa que aconteceu, que a gente deixa vir mais alegria.” Ana reconhece que sempre haverá desafios para enfrentar na vida, mas “a gente consegue superar com um pouco de alegria junto”, conclui.

Sala de Leitura

“Estou lendo *A cultura do novo capitalismo*, de Richard Sennett (Record, 2006, 189p.). Nesse livro, o autor analisa como a transformação do capitalismo industrial para um capitalismo globalizado, fortemente mutável e volátil, vem se atravessando nas vidas individuais e coletivas. Resultado de um ciclo de conferências proferidas na Universidade de Yale, a obra aborda três temas: as mudanças institucionais, o medo dos indivíduos em tornarem-se supérfluos naquilo que chama de ‘sociedade de capacitação’ e a articulação entre consumo e atitudes políticas no mundo atual. Com um texto instigante e provocativo, mostra como os valores, as relações de trabalho e os modos de vida estão imbricados com esse novo capitalismo. Certamente, uma leitura que contribui para a compreensão da sociedade atual.”

Karla Saraiva é professora do Curso de Engenharia Civil da Unisinos e componente da Equipe de Formação de Professores da Universidade. É graduada e mestre em Engenharia Civil, pela UFRGS, e doutora em Educação por essa mesma instituição.

“O livro que estou lendo atualmente tem o título *The eyes of the skin - architecture of the senses*, de Juhani Pallasma (Jonh Wiley & Sons Ltda, 2005, 80 p.). O livro trata da dominância do sentido visual na cultura contemporânea, principalmente na prática e educação arquitetônica atual. Desenvolve a idéia de que, apesar da nossa percepção do mundo ser formulada por informações provenientes dos cinco sentidos (mesmo que recebidas por canais diferentes), muito da arquitetura produzida considera apenas um - a visão. O autor coloca que é a possibilidade de ação que separa a Arquitetura de outras formas de arte. Conseqüentemente, uma reação corporal é um aspecto inseparável da experiência arquitetônica. Com o instigante título *Os olhos da pele*, o livro percorre desde aspectos históricos da consolidação do paradigma visual até sua desconstrução, rumo a uma Arquitetura mais completa e integrada, tendo os sentidos e o corpo como novo paradigma. De fácil leitura, o livro já pode ser considerado um clássico para todos aqueles que trabalham na produção de qualquer forma de Arte.”

Betina Martau possui mestrado em Arquitetura, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, cursa Doutorado em Engenharia Civil na Unicamp, em Campinas (SP), na área de Arquitetura e Construção e é professora adjunta no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Unisinos, em cursos de graduação e pós-graduação.

IHU REPÓRTER

Lúcia Segala Géa

Trabalhando há doze anos na Unisinos, a professora Lúcia Géa encontrou uma maneira diferente de expandir os conhecimentos dos seus alunos em sua área de atuação, a Arquitetura. Ela une conceitos da História, da Antropologia e da Sociologia para transmitir aos seus alunos experiências de vida, além do embasamento técnico. Sua relação com a História começou ainda na infância, quando teve a oportunidade de morar fora de Porto Alegre, sua cidade natal, e conhecer outras culturas e costumes. O gosto se intensificou, no momento em que Lúcia pode juntar suas preferências, a História e a Arquitetura, no mestrado de História do Brasil, desenvolvido na PUCRS. Em entrevista concedida por Lúcia à revista IHU On-Line, ela destaca as principais passagens de sua vida, nas quais os colegas de Faculdade e os irmãos, além das experiências profissionais, tiveram papel fundamental. Confira, a seguir, a entrevista:



Origens - Meu pai é bancário, e minha mãe administrava a empresa que o meu pai tinha, de papel cartaz e pastas. Nasci em Porto Alegre e, algumas vezes, morei fora da cidade. Na minha infância, fomos para Salvador, na Bahia, pois o meu pai trabalhou lá durante um ano. Ficamos quase quatro meses em Salvador e, por questões de trabalho, meu pai resolveu retornar para o Sul. Então, a minha família tem um pouco essa mistura de vários lugares. A cada férias, íamos para um lugar diferente, pois não tínhamos o hábito de ir para a mesma praia veranejar. Talvez essa experiência tenha sido muito boa para me colocar diante do mundo, e não ser uma pessoa que se criou nasceu e viveu sempre no mesmo lugar.

Irmãos - Tenho um irmão que é três anos mais velho do que eu, que estou com 44 anos, e outros dois que são oito anos mais velhos. A gente tinha um arranjo

interessante no nosso cotidiano que era o “dois a dois”: os dois mais velhos e os dois mais novos. Com esse meu irmão que é um pouco mais velho eu tenho mais afinidade, porque era o meu companheiro de brincadeiras. Depois de fazer os temas, tinha o horário de brincar. E aí era muito bom, porque o local em que a gente morou, o bairro Cristal, era muito tranquilo. Tínhamos a facilidade de poder ir pra rua brincar, e não ter a preocupação que temos hoje com a segurança. Sempre fui muito moleca: gostava de andar de bicicleta, carrinho de rolimã, subir em árvores e construir cabanas. A coisa mais importante que a gente tinha era a liberdade e a solidariedade, além de ter a proteção e a referência nos irmãos.

Estudos - Sempre adorei ir para a escola. Eu era muito certinha. Era bom ir para a escola, não só pelo estudo, mas pelas brincadeiras e por encontrar os amiguinhos.

Estudei até o que corresponderia, hoje, ao Ensino Fundamental escolas públicas, que eram consideradas as mais fortes. Quando a estrutura e a qualidade destas escolas começaram a cair, meus pais me matricularam no Colégio Maria Imaculada, onde eu fiz o Magistério. Essa foi a minha primeira experiência de trabalho em sala de aula, dando aula para crianças.

Graduação - Uma coisa que a minha mãe cultivou em mim foi o hábito de ir a museus e ver exposições. A minha mãe pinta, então tem um lado da família que gosta de arte, e isso sempre foi uma boa referência. Não sei dizer bem como fui gostar de arquitetura. Aos 17 anos, tive minha primeira assinatura na carteira de trabalho, quando comecei a dar aula para crianças de 1ª série no Colégio Santo Antônio Pão dos Pobres. Fiz o vestibular na Universidade Ritter dos Reis, 18 anos, passei e comecei a estudar, mas ainda dando aulas. Quando vi que não ia dar mais para conciliar, optei por apenas estudar. Foram anos muito bons de faculdade e de muita transformação.

Colegas - Nós tínhamos muitos colegas do interior que vinham morar aqui, em repúblicas, e a gente acabou formando famílias paralelas. A minha mãe adotava esses colegas que sempre iam lá para a minha casa fazer os trabalhos. Lá em casa era o “QG” dos desgarrados. A mãe fazia café, chimarrão e bolinhos. Na formatura, aconteceu uma homenagem à dona Lola, por ter sido a mãe adotiva de todos. O tempo que passei na faculdade foi muito bom, não só pelo conhecimento adquirido, mas pelas relações humanas, pelo amadurecimento que me trouxe, por conviver com a diversidade das pessoas e visões de mundo diferentes.

Trabalho - Depois de formada, em 1986, resolvi fazer um curso de especialização na USP, em Computação Gráfica. Passei seis meses em São Paulo,

onde havia oportunidades de trabalho, mas a relação custo-benefício não valia a pena. Então, resolvi voltar para Porto Alegre, e logo me chamaram para trabalhar em um escritório de arquitetura comercial, onde pude aplicar os conhecimentos de computação que, na época, eram uma grande novidade. Tenho uma experiência profissional variada, porque sempre quis experimentar coisas diferentes, para saber o que eu ia fazer realmente. Saí do escritório, por causa de um convite de trabalho temporário na Prefeitura, em projetos de construção de creches. Além de desenvolver os projetos junto com as arquitetas, eu ia às comunidades. Conheci um outro mundo, e foi uma experiência de vida maravilhosa, embora, no final, fosse um pouco frustrante, porque muitos dos projetos não foram construídos. Depois disso, encontrei uma ex-colega de faculdade, que me convidou para trabalhar com ela, fazendo projetos na área comercial. Logo que abriu o Shopping Praia de Belas, fizemos algumas lojas lá. Com uma dessas crises de governo, nossos clientes levaram um tombo e a gente sentiu isso no trabalho. Então, resolvemos parar com o escritório e cada uma foi fazer a sua vida.

Casamento - Tenho um histórico familiar de mulheres que casam tarde, para suas respectivas épocas. Eu não sei se casei tarde para os parâmetros da minha época, mas estava com 28 anos. A minha família nunca teve a preocupação de preparar os filhos para o casamento. Meu pai sempre me preparou para o trabalho e para saber lidar com as coisas da vida. Eu e o meu marido namoramos e casamos em um tempo rápido, dois anos. Não foi nada muito preparado, as coisas foram acontecendo. Mas a vida de casada é ótima, e eu recomendo, porque sou muito feliz e acho que isso reflete na maneira como a gente montou a família.

Mestrado - Por contatos, descobri o mestrado em

História do Brasil, na PUCRS. Entrei na PUC em 1991, e o meu tema era a História da Habitação. Era um desafio estar em uma área diferente, com todo um aparato teórico novo para se apropriar, mas eu gosto de estudar, de ler. Até hoje uma das coisas que me move muito para a sala de aula é pegar um assunto novo, ter que pesquisar. Estou na Unisinos há 12 anos, e, se eu der sempre a mesma aula, do mesmo jeito, nem eu nem os alunos vamos agüentar. Isso faz parte da renovação, de querer buscar mais informação e conhecimento novo.

Escandinávia - Em 1994, o Osvaldo, meu marido, foi para a Noruega fazer parte do seu doutorado em Física. Eu estava fazendo mestrado aqui, mas suspendi a minha bolsa e fui junto. Fiquei lá trabalhando na biblioteca da Faculdade de Arquitetura. Foi ótimo, não só porque foi a primeira vez que eu fui para a Europa, mas porque tivemos a oportunidade de conhecer um outro modo de viver. Era uma cidade pequena, mas com tudo. O que mais me chamou a atenção foi qualidade de vida dos noruegueses. Lá não há grandes diferenças socioeconômicas. O bem-estar social é invejável, em termos de saúde, ensino, transporte e infra-estrutura urbana.

Sala de aula - Depois que voltei da Escandinávia, eu estava com a data marcada para apresentar a dissertação, e teve uma chamada da Unisinos, por edital. Particpei da seleção, fui escolhida e comecei na universidade já com quatro disciplinas. E o trabalho que eu fiz no mestrado me abriu essa nova possibilidade de encontrar a História e ver uma outra área de conhecimento. E sempre estou juntando coisas da História, da Arquitetura da Antropologia, da Sociologia e, mais recentemente, do Design. Me formei arquiteta, mas sempre tive uma conexão muito grande com a História. Quando fui fazer o mestrado, foi ligado à parte da história da cultura. Essa sede de saber como as pessoas

vivem, quais são os hábitos e os costumes eu incorporo nas minhas aulas, tentando passar essas experiências de vida junto com a parte técnica.

Filha - A Carolina veio depois de quase 10 anos de casamento, quando eu estava com 36 anos. Quando a Carol nasceu, foi uma felicidade, porque ela foi super desejada. Ela é uma menina muito alegre, sociável e tem um espírito muito forte de curiosidade. A Carolina se interessa muito por tudo. Ela tem uma habilidade boa com música, e agora está muito dedicada a desenhar, montar historinhas e fazer teatro. Eu a defino como uma criança muito feliz; ela passa isso no olhar.

Política brasileira - Estamos vivendo um período um pouco difícil. Primeiro, há uma dificuldade de a gente se reconhecer como cidadão, com os valores humanitários. O que mais me toca é um excesso de individualismo e a falta de generosidade e humanidade. Mas não vejo isso de uma forma pessimista. Como professora, tento passar valores de respeito e generosidade para os alunos, porque acho que não é só transmitir o conhecimento. Não sei bem até que ponto isso funciona, mas acredito que os alunos também olham para a gente e tentam buscar um exemplo, uma inspiração. Se a gente conseguir passar alguns desses, já é um começo.

Sonho - Meu grande sonho é que possamos viver melhor, de uma forma mais harmônica. Estamos vivendo com muita tensão, e há muita pressão no dia-a-dia. Eu quero que a minha filha tenha um mundo um pouco mais tranqüilo, mais destensionado.

Lazer - Adoro jardinagem. Agora, moro em apartamento, e o jardim virou um vaso. Também gosto de estar com os amigos e com a família para descontrair, além de ir ao cinema e viajar.

Livro - Não tenho um livro específico. Gosto muito de obras, não só de história, mas também de romances de costumes. Também aprecio muito as biografias. Lembro de uma de que gostei muito: *Meu último suspiro*, sobre o cineasta Luis Buñuel. Cada momento tem um livro que nos toca de uma maneira diferente.

Viagens - As viagens são feitas nas férias, e os destinos são variados. Os mais freqüentes são por perto. No máximo, praia em Santa Catarina, com a família. A gente vai para a prainha de Ibiraquera, que é bem tranqüila. Mas ir a Buenos Aires também é um bom programa. Se eu tivesse que escolher um lugar para voltar seria Paris, a mais fascinante das cidades que eu conheci na Europa.

Unisinos - Gosto muito de trabalhar aqui. No curso de Arquitetura, a gente vem construindo várias coisas juntos. Eu já me sinto parte do curso. Aqui na universidade, entrei para a área de História da Arquitetura, que é o meu chão, embora eu transite por outras áreas. Aqui, tudo aconteceu meio rápido, porque logo que cheguei me colocaram em um cargo de supervisão, e uns anos depois eu fui para a coordenação do curso, onde fiquei por quatro anos. Foi uma experiência muito importante, acho que se amadurece muito em uma coordenação. Mais recentemente, comecei a participar das atividades da Escola de Design, em Porto Alegre.

Instituto Humanitas - O Instituto tem um trabalho muito importante, em vários sentidos. É um lugar onde a gente vê a construção do pensamento. Vejo que o que nós, pesquisadores e pensadores, produzimos aqui na universidade está sendo posto para fora. E o trabalho do Instituto tem esse sentido de transbordar as coisas que vêm de dentro das cabeças das pessoas. Também é importante a oportunidade de a gente poder conhecer a cara dos colegas, sem a “roupa” de professores. Há

coisas maiores que estão relacionadas, como eventos e pesquisas. O Humanitas é um coração que tem papel fundamental dentro e fora dos limites do câmpus.